

ANCHIETA

E A MEDICINA

HOMENAGEM DO
LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO
À MEMORIA DO GLORIOSO
“APOSTOLO DO BRASIL”
POR OCASIÃO DA PASSAGEM DO SEU
QUARTO CENTENARIO NATALICIO

1934



pam(B) / ANC



22501284561

INDICE

DOS PREPARADOS

L. C. S. A.

SEGUNDO SUAS INDICAÇÕES OU COMPOSIÇÃO

- Antisséptico biliar** — Lysurol (pag. VII).
- Antisséptico intestinal** — Bulgarg - Zymase (pag. IV).
- Antisséptico pulmonar** — Lipoalol (pag. VI), Vacina bronquica (XII), V. Gripe (XIII), V. Pneumocócica (XIV).
- Antisséptico urinário** — Lysurol (pag. VII).
- Colagôgos** — Boldargyr (pag. IV), Cascarobil (IV), Lysurol (VII), Opo-Bilina (VIII).
- Corantes** — (pag. XV).
- Diuréticos** — Iodo-Thyroidina (pag. VI), LYSUROL (VII), Opo-Hypophysina (VIII), Opo-Nephrina (VIII), SÔRO RENAL (X), THEONEPHRINA (X).
- Empôlas e pipetas** — (Pag. XIV).
- Estimulante biliar** — Lysurol (pag. VII), Opo-Bilina (VIII).
- Estimulante da nutrição** — Agua Inglesa (pag. III), Anterophysina (III), Bauintrato (IV), Energil (V), Ferrotonina (V), Iodo-Thyroidina (VI), Lysurol (VII), Medicação estricno-intensiva (VII), Neurotonina (VII), Opo-Hypophysina (VIII), Opo-Spermina (VIII), Ovario-Thyroidina (IX), Vinho Iodo-tânico Glicero-fosfatado (X), Xpe. de Hipofosfito de calcio (XI), Xpe. dos Tres Fosfatos (XI).
- Estimulante do crescimento** — Anterophysina (pag. III), Energil (V), Horgyn (VI), Iodo-Thyroidina (VI), Medicação Estricno-intensiva (VI), Opo-Spermina (VIII), Ovario-Thyroidina (IX).
- Estimulante hepatico** — Boldargyr (pag. IV), Opo-Hepatina (VIII).
- Estimulante intestinal** — Cascarobil (IV), Opo-Bilina (VIII), Retrophysina (X).
- Estimulante renal** — Lysurol (pag. VII), OPO-NEPHRINA (VIII), SÔRO RENAL (X), THEONEPHRINA (X).
- Estimulante sexual** — ANTEROPHYSINA (pag. III), ENERGIL (V), HORGYN (VI), LUTEO-OVARINA (VII), Opo-Hypophysina (VIII), OPO-SPERMINA (VIII), OVÁRIO-THYROID NA (IX).
- Extratos fluidos** — (pag. XV).
- Fermento bulgaro** — Bulgarg-Zymase (pag. IV).
- Medicação anti-anêmica** — Agua Inglesa (pag. III), Elixir e Gotas Bi-Iodadas Litinadas (V e VI), Energil (V), FERROTONINA (V), Luteo-Mammina (V), Luteo-ovarina (VI), Medicação Estricno-intensiva (VII), Metacal (VII), Neurotonina (VII), Opo-Hepatina (VIII), ELIXIR E XPE. DE OXI-HEMOGLOBINA (V e XI), Opo-Spermina (VIII), OPO-SPLENINA (IX), Vinho Iodo-Tânico Glicerosfosfatado (X), Xpe. de Hipofosfito de Calcio (XI).
- Medicação anti-artrítica** — Cascarobil (pag. IV), LYSUROL (VII), Elixir e Gotas Bi-Iodadas Litinadas (V-VI).
- Medicação anti-asmatica** — Adreno-Hypophysina (pag. III), Vacina asmatica (XII).
- Medicação anti-astenica** — ENERGIL (pag. V), Ferrotonina (V), GLYCOSACCHARETO (VI), MEDICAÇÃO ESTRICNO-INTENSIVA (VII), NEUROTONINA (VII), Opo-cerebrina (VIII), Opo-Splenina (IX), Vinho Iodo-tânico glicerosfosfatado (X), Xpe. de Easton (XI), Xpe. de Hipofosfito de Calcio (XI).
- Medicação anti-coqueluchosa** — Vacina da Coqueluche (pag. XIII).
- Medicação anti-diabetica** — BAUINTRATO (IV), Lysurol (VII), Opo-Hepatina (VIII).
- Medicação anti-disenterica** — Bulgarg-Zymase (pag. V), ORODYS (IX), Vacina Disenteriforme (XIII).
- Medicação anti-dismenorreica** — Amenalgon (pag. III), Horgyn (VI), Luteo-mammina (VI), Luteo-ovarina (VI), Opo mammina (VIII), Ovario-thyroidina (IX).
- Medicação anti-gonococica** — Vacina Gonococica (pag. XIII), V. Uretrítica (XIV).
- Medicação anti-gripal** — Lipoalol (pag. VI), Vacina da Gripe (XIII).
- Medicação anti-luetica** — Boldargyr (pag. IV), Elixir e Gotas Bi-Iodadas Litinadas (V e VI), Natrol (VII), Sup.-Hg (X).
- Medicação anti-pielitica** — Lysurol (pag. VII), Vacina anti-piogenica (XII), V. Coli-bacilar (XII), V. Coli-estafilococica (XII), V. Uretrítica (XIV).
- Medicação anti-piogenica** — Pyocaldo (pag. IX), Pyophagina (IX), Vacina anti-piogenica (XII), V. Coli-Estafilococica (XII), V. Estafilococica (XIII), V. Estreptococica (XIII), V. Estafilo-Estreptococica (XIII).

- Medicação anti-raquitica** — Energil (pag. V), Iodo-Thyroidina (VI), METACAL (VII), Neurotonina (VII), Vinho Iodo-tanico Glicerofosfatado (X), Xpe. de Easton (XI), Xpe. de Hipofosfito de Calcio (XI).
- Medicação anti-sifilitica** — V. Medicação anti-luetica.
- Medicação anti-tiflica** — Bulgaro-Zymase (pag. IV), OROTAB (IX), VACINA COLL-TIFICA (XII), V. TIFICA (XIV).
- Medicação anti-toxica** — Bulgaro-Zymase (pag. IV), Cascarobil (IV), Opo-Bilina (VIII), Opo-Nephрина (VIII), SêRO RENAL (X), THEONEPHRINA (X).
- Medicação anti-urica** — V. Medicação anti-artritica.
- Medicação bismutica** — Natrol (pag. VII).
- Medicação diuretica** — V. Diureticos.
- Medicação estricnada** — Energil (pag. V), Medicação estricno-intensiva (VII), Neurotonina (VII), Xpe. de Easton (XI).
- Medicação ferruginosa** — Ferrotonina (pag. V), Elixir e Xpe. de Oxi-Hemoglobina (V e XI), Xpe. de Easton (XI).
- Medicação galactogenica** — LUTEO-MAMMINA (pag. VI), Opo-Hypophysina (VIII), OPO-MAMMINA (VIII).
- Medicação ginecologica** — Amenalgon (pag. III), Horgyn (VI), Luteo-Mammina (VI), Luteo-Ovarina (VII), Ovario-Thyroidina (IX), Uterocaldo (X), Vacina Puerperal (XIV), V. Uretrítica (uso pélvico), (XIV).
- Medicação hepato-biliar** — Boldargyr (pag. IV), Cascarobil (IV), Lysurol (VII), Opo-Bilina (VIII), Opo-Hepatina (VIII).
- Medicação hematopoietica** — V. Medicações anti-anêmica ou ferruginosa.
- Medicação hipoglicemiante** — V. Medicação anti-diabetica.
- Medicação marcial** — V. Medicação ferruginosa.
- Medicação mercurial** — Boldargyr (pag. IV), Elixir e Gotas Bi-Iodadas Litinadas (V e VI), Sup-Hg (X).
- Medicação neurotônica** — V. Medicação anti-astenica.
- Medicação ocltônica** — Opo-Hypophysina (pag. VIII), Retrophysina (X).
- Medicação ovariana** — Amenalgon (pag. III), HORGYN (VI), LUTEO-MAMMINA (VI), LUTEO-OVARINA (VII), OVARIO-THYROIDINA (IX).
- Medicação recalcificante** — Glycosacchareto (pag. VI), METACAL (VII), Xpe. de Easton (XI), XPE. DE HIPOFOSFITO DE CALCIO (XI).
- Medicação remineralizante** — V. Medicação recalcificante.
- Medicação renal** — V. Estimulante renal.
- Medicação tireoidéa** — Iodo-Thyroidina (pag. VI), Ovario-Thyroidina (IX).
- Medicação tônica geral** — V. Medicação anti-anêmica.
- Medicação nervosa** — V. Medicação anti-astenica.
- Meios de cultura** — (pag. XV)
- Opoterapia cerebral** — Opo-Cerebrina (pag. VIII).
- Opoterapia esplenica** — Opo-Splenina (pag. IX).
- Opoterapia hepato-biliar** — Cascarobil (pag. IV), Opo-Bilina (VIII), Opo-Hepatina (VIII).
- Opoterapia hipofisaria** — Anterophysina (pag. III), Opo-Hypophysina (VIII), Retrophysina (X).
- Opoterapia mamária** — Luteo-Mammina (pag. VI), Opo-Mammina (VIII).
- Opoterapia ovariana** — Horgyn (pag. VI), Luteo-Mammina (VI), Luteo-Ovarina (VII), Ovario-Thyroidina (IX).
- Opoterapia renal** — Opo-Nephрина (pag. VIII), Sôro renal (X), Theonephrina (X).
- Opoterapia testicular** — Energil (pag. V), Opo-Spermina (VIII).
- Opoterapia tireoidéa** — Iodo-Thyroidina (pag. VI), Ovario-Thyroidina (IX).
- Oro-vacinas** — Orodys (pag. IX), Orotab (IX).
- Produtos officinaes farmaceuticos** — (pag. XV).
- Reagentes** — (pag. XV).
- Sôros artificiais** — (pag. XV).
- Tinturas** — (pag. XV).
- Topo-Vacinas** — Crème-Vaccina (pag. IV), Orodys (IX), Orotab (IX), Pyocaldo (IX), Pyophagina (IX), Uterocaldo (X).
- Vacinas locais (tipo Besredka)** — V. Topo-Vacinas.
- Vacinas por via oral** — Orodys (pag. IX), Orotab (IX).
- Vacinas Wright** — (pag. XI).

PREPARADOS ESPECIALIZADOS

L. C. S. A.

“LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO”

CARLOS DA SILVA ARAUJO & CIA.

Relação dos preparados farmaceuticos e biologicos, por ordem alfabética, suas fórmulas farmaceuticas, composição, indicações e doses.

ADRENO-HYPOPHYSINA — *Composição e forma farmaceutica*: Clorhidrato de adrenalina e extrato hipofisario total desalbuminado. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. *Indicações*: Crises de asma brônquica e de tosse espasmodica persistente. **Medicação de urgencia**, atóxica, não trazendo hábito à dose, de ação imediata e duravel. Injeção indolor. *Doses*: Injeção sub-cutanea ou intramuscular de uma empôla durante a crise, diariamente si necessario. Como preventivo dos acessos: uma empôla de 2 em 2 ou de 3 em 3 dias. Crianças: diminuir a dose de acôrdo com o pêso do doentinho, guardando as proporções com o pêso médio de 60 kgs. de um adulto.

AGUA INGLESA — *Composição e forma farmaceutica*: Solução contendo quina, vinho, plantas de propriedades tônicas e anti-febris, em garrafas de 460 c.c. *Indicações*: Tônico, febrifugo, aperiente. Usado nas anemias dos impaludados, dos opilados e dos cloróticos, nas convalescenças de doenças anemiantes e febris, na anorexia, durante a amamentação. *Doses*: 3 a 4 cálices dos que acompanham as garrafas, por dia, no início das refeições. Para crianças: 3 a 4 meios cálices.

AMENALGON — *Composição e forma farmaceutica*: Comprimidos de quinino e sedativos (dionina, ac. acetil-salicílico). Tubos com 15 comprimidos. Fórmula original do Prof. Fernando Magalhães. *Indicações*: Sedativo poderoso das dores menstruais, sintoma capital da menstruação anormal, regularizando a ação da musculatura uterina, conferindo-lhe ritmo, energia e insensibilidade. Ação rapida, sem contra-indicações. *Doses*: 2 a 4 comprimidos ao dia.

ANTEROPHYSINA — *Composição e forma farmaceutica*: Extrato do lóbo anterior da hipófise. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c., correspondendo cada c.c., farmacologicamente, a ogr. 20 de glândula fresca. Contém os hormônios estimuladores e regularizadores da função sexual no homem e na mulher e os de ação no crescimento e nas trocas nutritivas. *Indicações*: Estimulante da função sexual através as glândulas respectivas: ovários e testículos. Desordens do crescimento e da pressão vascular. Insuficiência

hipofisaria. Infantilismo. Obesidade. Hipotensão. *Doses*: 2 a 3 injeções por semana ou diariamente, conforme a indicação clínica.

BALAS BALSAMICAS — *Composição e forma farmacêutica*: Grindélia, cambará, jataí, herba silvina. Latas com 50 balas. *Indicações*: Balsâmico e calmante da tosse. Medicação sintomática indicada nas tosse em geral, quer nas traqueites, laringites, faringites e bronquites simples, quer nos portadores de enfermidades mais complexas ou graves, como os asmáticos, cardíacos, etc. Sem contra-indicações. Inofensivas. *Doses*: Adultos: 10 a 15 por dia; crianças: 6 a 10 por dia.

BAUINTRATO — *Composição e forma farmacêutica*: Produto obtido da "bauhinia forficata, Link", espécie do gênero **Bauhinia** (Cesalpinoidea — fam. Leguminosas). Em frascos com 187 c.c. *Indicações*: pela notável ação hipoglicemiante que possuem as preparações de "bauhinia forficata", verificadas experimentalmente e na clínica, o **BAUINTRATO** é indicado no tratamento do diabetes. Preparação atóxica, de perfeita tolerância, promovendo diminuição da taxa de glicose do sangue, permitindo regimen alimentar menos rigoroso. *Doses*: 2 a 3 colheres das de chá ao dia.

BI-IODADO — Veja "Elixir" e "Gotas Bi-iodadas Litinadas".

BOLDARGYR — *Composição e forma farmacêutica*: Associação de bi-iodeto de mercurio ao extrato de boldo. Solutivo para uso em gotas, 20 das quais correspondem a 0,01 de bi-iodeto de mercurio e 1 gr. de boldo (vidros com 60 c.c.) *Indicações*: Pela ação colagoga e hepato-estimulante do boldo (boldoa fragrans) e dupla ação — colagoga e específica — do sal mercurico, **BOLDARGYR** é indicado na sífilis, notadamente hepática. Também na insuficiência hepática, nas cirroses, hepatites, ictericias simples ou graves de origem sifilítica, congestões hepáticas, angiocolites, atuando benéficamente nas fômas precoces, secundárias e terciárias da lues. *Doses*: Adultos: 20 a 50 gotas às principais refeições; crianças: 10 a 30 gotas.

BULGARO-ZYMASE — *Composição e forma farmacêutica*: fermento láctico puríssimo (bacillus bulgaricus). Comprimidos (caixas com 45) e Empôlas (5 c.c. em estojos de uma e caixas de 6) para preparação de coalhadas. *Indicações*: Antisséptico biológico do intestino; anti-tóxico e anti-putrido. Terapêutica racional dos distúrbios gastro-intestinais (fermentações, gastro-enterites, diarreias, prisão de ventre, dermatoses, afecções hepáticas), preservativo das infecções intestinais (colibaciloses, febre tifóide), e preventivo da arterio esclerose. *Doses*: Adultos: 2 a 6 comprimidos, em média, por dia; crianças: 2 a 4. Empôlas: destinadas exclusivamente ao preparo de coalhadas, sendo o conteúdo de 1 empôla — 5 c.c. — suficiente para coagular 1 litro de leite.

CALDOS DE BESREDKA — Veja - Pyocaldo, Pyophagina, Uterocaldo e Creme-Vaccina.

CASCAROBIL — *Composição e forma farmacêutica*: Drágeas de bile e cáscara sagrada. Vidros com 66 drágeas. *Indicações*: Tratamento da prisão de ventre habitual. Insuficiência biliar. Hepatites crônicas. Angiocolites. Litiase biliar. Colemia familiar. Toxemia gravídica. *Doses*: 2 a 3 drágeas à noite ou ao jantar. Após 15 dias, alcançado resultado, espalgar as doses.

CREME VACCINA — *Composição e forma farmacêutica*: Filtrado de germens de infecções cutâneas, acnes, etc., sob a forma de creme, em bisnagas de 25 gr. Topo-Vacina a Besredka. *Indicações*: Tratamento da acne e infecções cutâneas do rosto (espinhas,

cravos, pequenos abcessos, etc.) *Modo de usar*: Lavar o rosto com água e sabão ao deitar, aplicar CREME-VACCINA e irritar a pele por fricção com toalha felpuda. Aplicar nova camada do creme. No dia seguinte lavar com água e sabão. Repetir o tratamento muitos dias.

EASTON — Veja “Xarope dos 3 fosfatos”.

ELIXIR BI-IODADO LITINADO e GOTAS BI-IODADAS LITINADAS - *Composição e formas farmacêuticas*: Iodo-hidrarigirato de lítio sob forma de elixir (solução agradável ao paladar, em garrafas de 300 c.c.) e de solução titulada para uso em **gotas** (frascos com 30 c.c.) *Indicações*: Anti-luetico, tônico e aperiente, de tolerância absoluta, sem iodismo nem hidrarigirismo. Sífilis. Reumatismo crônico. Úlceras. Esporotricose. Bronquites crônicas dos artríticos e asmáticos. *Doses*: **Elixir**: 1 colher das de sopa, duas vezes ao dia, às refeições, para adultos; para crianças, 1 colher das de sobremesa ou menos, conforme a idade. **Gotas**: 40 gotas, em cálice com água simples ou assucarada, duas vezes por dia, às refeições, para adultos; para crianças, 20 gotas de cada vez. Uma colher, das de sopa, de **Elixir** contém 0,0075 de bi-iodeto de mercúrio e 0,30 de iodeto de lítio. 40 **gotas** contêm 0,0085 de Bi-iodeto Hg e 0,28 de iodeto de lítio.

ELIXIR DE OXI-HEMOGLOBINA e XAROPE DE OX-HEMOGLOBINA — *Composição e formas farmacêuticas*: Produtos obtidos de sangue de animais, logo após seu sacrifício no Matadouro, por processo especial do L. C. S. A., sob forma de **elixir** (levemente alcoólico) e de **xarope**, em frascos especiais com 300 c.c. Produtos ricos em hemoglobina, fornecendo ferro na sua condição fisiológica. Paladar agradabilíssimo e tolerância perfeita. *Indicações*: Medicação hematogênica ideal. Tratamento das anemias em geral, post-palúdicas, post-verminóticas. Convalescenças. Gravidez. Puerperio. Linfatisimo. Escrofulose. *Doses*: **Elixir**: 1 cálice às principais refeições; crianças: 1/2 cálice. **Xarope**: 2 a 4 colheres das de sopa, simples ou em mistura com água, pela manhã e à noite, ou antes das refeições; crianças: 1 a 2 colheres das de sopa.

ENERGIL — *Composição e forma farmacêutica*: Extrato testicular, glicerofosfato de sódio e estricnina em empólas de 1 c.c. (caixas com 12). *Indicações*: Acelerador da nutrição na inapetência, nas anemias, no raquitismo; dinamogênico e neurotonico nas convalescenças, astenias, neurastenias, fadiga cerebral, surmenage, etc. Insuficiência das funções genitais. Senilidade. Infantilismo. *Doses*: Injeções diárias ou em dias alternados, conforme o caso clínico.

ESTRICNINA — Veja “Medicação Estricno Intensiva”, “Neurotonina”, “Energil”.

FERMENTO BULGARO — Veja “Bulgaro-Zymase”.

FERROTONINA — *Composição e forma farmacêutica*: Citrato de ferro e arseniato de sódio em empólas de 1 c.c. (caixas com 12). Fórmula do Prof. Austregésilo. *Indicações*: Tônico, anti-anêmico, estimulante da nutrição e hemopoiético na debilidade orgânica, nas anemias em geral, nas convalescenças, na clorose, na neurastenia, na fraqueza geral, nos estados post-palúdicos e post-verminóticos. *Doses*: 3 injeções, em média, por semana.

FILTRADOS MICROBIANOS — Veja “Pyocaldo”, “Uterocaldo”, “Pyophagina”, “Creme-Vaccina”.

GLYCOSACCHARETO — *Composição e forma farmacêutica*: Granulado de glicerofosfatos alcalinos e alcalino-terrosos. *Indicações*: Todas as da medicação fosforada: neurastenia, esgotamento, fadiga cerebral e da atenção, convalescenças, anemias, desmineralização. Neurotonico por excelencia. *Doses*: 2 a 4 colheres das de chá por dia; crianças: 2 a 4 colheres das de café.

GOTAS BI-IODADAS LITINADAS e ELIXIR BI-IODADO LITINADO — *Composição e formas farmacêuticas*: Iodo-hidrargirato de lítio sob forma de solução titulada para uso em **gotas** (vidros com 30 c.c.) e de **elixir** (solução agradável ao paladar, em garrafas com 300 c.c.) *Indicações*: Anti-luetico, tônico e aperiente, de tolerância absoluta, sem iodismo nem hidrargirismo. Sífilis. Reumatismo crônico. Úlceras. Esporotricose. Bronquites crônicas dos artríticos e asmáticos. *Doses*: **Gotas**: 40 gotas, em cálice com água simples ou assucarada, duas vezes ao dia, às refeições, para adultos; crianças: 20 gotas de cada vez. **Elixir**: 1 colher das de sopa, duas vezes ao dia, às refeições, para adultos; crianças: 1 colher das de sobremesa, ou menos, conforme a idade. 40 GOTAS contêm 0,0085 de bi-iodeto Hg e 0,28 de iodeto de lítio. Uma colher das de sopa, de **Elixir**, contém 0,0075 de iodeto Hg e 0,30 de bi-iodeto de lítio.

HEMOGLOBINA — Veja "Elixir ou Xarope de Oxi-Hemoglobina".

HIPO-FOSFITO DE CALCIO — Veja "Xarope de"

HORGYN — *Composição e formas farmacêuticas*: Associação de extratos totais do ovário e do lóbo anterior da hipófise. Drágeas (vidro com 60) e empôlas (caixas com 6 de 2 c.c.). *Indicações*: pelos elementos de suplência (ovário) e pelos estimulantes de função sexual (lóbo anterofisário) da sua fórmula, HORGYN é a terapêutica racional em qualquer manifestação da insuficiência ovariana. *Doses*: **drágeas**: 6 a 12 por dia; **empôlas**: injeção diária ou em dias alternados, conforme indicação do caso.

iodo-TÂNICO — Veja "Vinho Iodo-Tânico Glicero-Fofatado".

iodo-THYROIDINA — *Composição e formas farmacêuticas*: extrato total de glândula tireoide. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas (2 c.c. - caixas com 6). *Indicações*: Disfunções tireoidianas por hipo ou hipertireoidia. Mixe-dema. Obesidade. Dermatoses. Reumatismo crônico deformante. Poderoso modificador da nutrição. *Doses*: **drágeas**: 4 a 12 por dia; **gotas**: 20 gotas, duas vezes ao dia; **empôlas**: em média 3 injeções semanais. Para crianças, doses menores conforme idade.

LIPOALIOL — *Composição e forma farmacêutica*: Eucaliptol, gaiacol, cânfora, suco de alhos veiculados em óleo de figado bacalhau. Empôlas de 2 c.c. - Caixas com 12. *Indicações*: Antissepsia das vias respiratórias. Pre-bacilose. Bronquites crônicas. Bronquiectasias. Gangrena pulmonar. Convalescenças. *Dose e modo de usar*: 3 injeções intramusculares profundas por semana. Série de 12 injeções. Repouso de 2 semanas.

LUTEO-MAMMINA — *Composição e formas farmacêuticas*: Extrato total de ovários e de glândulas mamárias. Drágeas (vidros com 60) e Empôlas de 2 c.c. (caixas de 6). *Indicações*: Dismenorréia. Amenorréia. Clorose. Anemias. Metrorragia. Congestões utero-ovarianas. Regras abundantes e dolorosas. Hipogalaxia. Obesidade com insuficiência ou atrofia das glândulas mamárias. *Doses*: **drágeas**: 3 - 6 por dia; **empôlas**: em média 3 injeções por semana.

LUTEO-OVARINA — *Composição e formas farmacêuticas:* Extrato integral de ovários e corpos amarelos. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações:* pela sua ação de suplência hormonal regulariza o fluxo menstrual, evita atrasos e suspensões, dores e cólicas coincidentes com as épocas. Tratamento consagrado nas perturbações ovarianas da puberdade, época mensal e menopausa. Artralgias e mialgias por hipo-ovária. *Doses:* **drágeas:** 4 a 12 por dia; **gotas:** 10 a 60 por dia; **empôlas:** em média 3 injeções por semana.

LYSUROL — *Composição e forma farmacêutica:* Formina, benzoato lítico, sulfato, tartrato e citrato sódicos, abacateiro, cipó cabeludo e estigmas de milho. Granulado efervescente de sabor agradável. *Indicações:* Antisséptico biliar e urinário. Diurético. Colágeno. Acelerador da nutrição. De ação brilhante nas doenças de retardamento metabólico (artrismo, gota, reumatismo, litase urica, obesidade), nos casos de insuficiência biliar, angiocolites, angiolecistites, colites, infecções urinárias. *Doses:* 2 a 4 colheres das de chá ao dia, em $\frac{1}{2}$ copo de água; crianças: 2 a 3 colheres das de café.

MEDICAÇÃO ESTRICNO-INTENSIVA — *Composição e formas farmacêuticas:* 4 séries diferentes: **SERIE A - Estricno-intensiva simples** - empôlas numeradas contendo estricnina sulf., em doses crescentes. **SERIE B - Fosfo-estricno-intensiva** - empôlas com estricnina em progressão e ogr. 15 de glicerofosfato de sódio por empôla. **SERIE C - Arseno-estricno-intensiva** - empôlas de estricnina em progressão e ogr. 005 de arsenal por empôla. **SERIE D - Arseno-fosfo-estricno-intensiva** - Estricnina em progressão, ogr. 15 de glicerofosfato de sódio e ogr. 005 de arsenal por empôla. Todas as séries se apresentam em caixas com 12 empôlas de 1 c.c. *Indicações:* Medicação neurotonica por excelência. Neurastenia. Depauperamento orgânico. Anemias. Convalescências de doenças infecciosas e anemiantes. Perturbações do crescimento. Depressão nervosa. Estados distrofosicos. *Doses:* Injeção diária ou em dias alternados. Não se deve interromper o tratamento. Acontecendo tal, convém reiniciá-lo pela 1ª dose.

METACAL — *Composição e formas farmacêuticas:* Sais de cálcio, fósforo, magnésio, lecitina e paratireoidina. Em latas com 48 cápsulas, vidros com granulado e caixas com 50 comprimidos. *Indicações:* como remineralizante e reconstituente no raquitismo, carie ossea e dentária, pré-tuberculose, períodos de crescimento, gravidez e amamentação. Consolidação de fraturas. Neurastenia. Fosfatúria. *Doses:* **comprimidos ou cápsulas:** 2 a 4 por dia; **granulado:** 2 a 4 colheres das de chá por dia. Crianças: metade das doses.

NATROL — *Composição e formas farmacêuticas:* Tártaro-bismutato de sódio. **Empôlas** para injeção intramuscular (2 c.c. - caixas de 6 e de 12 empôlas) e **pomada** em bisnagas (35 gr.). **NATROL - empôlas:** *Indicações:* Sífilis em qualquer período. Heredo-sífilis. Angina de Vincent. Noma. Afecções espirilares. De larga indicação em Pediatria. Espirilicida energico, atoxico, indolor, solúvel. 2 c.c. = ogr. 038 **Bi.** Tolerancia absoluta. *Doses:* 3 injeções por semana. Series de 12 empôlas com 15 dias de intervalo entre cada série. **Crianças:** vd. tabela de acordo com idade e peso médio. **NATROL - pomada:** *Indicações:* úlceras, sobretudo fuso-espirilares, úlceras dos países tropicais, feridas rebeldes, espinhas, acnes, dermatoses, escaras, piodermites, etc. *Modo de usar:* aplicar sobre a lesão, previamente lavada com água fervida, e cobrir com gaze esteril.

NEUROTONINA — *Composição e forma farmacêutica:* Glicerofosfato, cacodilato de sódio e estricnina. Empôlas de 2 c.c. (caixas com 12). Fórmula do Prof. Miguel Couto. *Indicações:* Neurotonico, anti-anemico nas anemias, leucemias, esgotamento nervoso,

inapetencia, neurastenia, convalescenças, caquexias, fosfaturias, etc. *Doses*: 3 injeções por semana, em média.

OPO-BILINA — *Composição e forma farmacêutica*: Bile integral purificada. Em comprimidos (vidros com 60). *Indicações*: Anti-putrido, anisséptico. Colagogo ideal. Estimulante fisiológico do fígado, do peristaltismo e da secreção pancreática. Realiza a verdadeira opoterapia biliar. Indicado com sucesso na prisão de ventre crônica por "deficit" biliar, na intoxicação intestinal, na litíase biliar, na icterícia catarral, na colite mucomembranosa, na hipocolia. Não provoca cólicas. *Doses*: 1 - 10 por dia, sendo 5 a dose média habitual. Crianças: 1 a 5 comprimidos.

OPO-CEREBRINA *Composição e formas farmacêuticas*: Extrato de substância cerebral. Drágeas de cérebro em pó (vidros com 60). Empôlas de lipídeos cerebrais éterossolúveis - 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: Pela grande riqueza em fosfatos nas suas combinações orgânicas (lipídeos, lecitinas, protagon, cerebrina) OPO-CEREBRINA é indicada no tratamento da neurastenia, do esgotamento físico, nervoso e mental, na convalescença e estados similares. Histeria. Alienação mental. Reforço e reequilíbrio da função nervosa. Tônico neuro-cerebral. *Doses*: **Drágeas** 6 a 12 por dia; crianças: 3 a 6. **Empôlas**: 2 a 3 injeções semanais ou mais, conforme a indicação do caso.

OPO-HEPATINA — *Composição e formas farmacêuticas*: Extrato hepático integral. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: Insuficiência hepática de qualquer natureza, cirroses diversas, uricemia, gota, reumatismo crônico, cálculos hepáticos, diabetes, diateses hemorrágicas, síndromes anêmicas, intoxicações, etc. *Doses*: **Drágeas**: 4 a 12 por dia; crianças: 2 a 6. **Gotas**: 20 a 60 por dia; crianças: 10 a 30. **Empôlas**: injeções diárias ou em dias alternados, conforme indicação clínica.

OPO-HYPOPHYSINA — *Composição e forma farmacêutica*: Extrato total de hipófise. Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: como modificador da nutrição, do crescimento, como estimulante do "tonus" neuro-muscular, como antitóxico, tem indicações na deficiência óssea, na acromegalia, nas perturbações do crescimento, na obesidade, nas miocardites crônicas, na inércia uterina e intestinal, na hipotensão, nas doenças infectuosas. *Doses*: Injeção diária ou em dias alternados conforme o caso. Crianças: 1/2 empôla.

OPO-MAMMINA — *Composição e formas farmacêuticas*: Extrato de glândulas mamárias ativas. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: Hipogalaxia. Atrofia das glândulas mamárias. Hemorragias menstruais. Congestões utero-ovarianas. Regras abundantes e dolorosas. Dismenorréia. *Doses*: **Drágeas**: 4 a 12 por dia; **gotas**: 20 - 60 por dia; **empôlas**: 3 por semana, em média.

OPO-NEPHRINA — *Composição e forma farmacêutica*: Extrato renal. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: Insuficiência renal (como estimulante secretório). Uremia. Nefrites. Albuminúrias. Congestão renal. Diurético poderoso nas oligúrias, anúria, anasarcas, etc. *Doses*: **drágeas**: 4 a 12 por dia; **gotas**: 20 a 60 por dia; **empôlas**: 3 injeções por semana, em média.

OPO-SPERMINA — *Composição e formas farmacêuticas*: Extrato testicular puro. Drágeas (vidros com 60) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações*: Age sobre a nutri-



**ANCHIETA E A
MEDICINA**

Com o mesmo titulo dado pelo ilustre Professor Dr. Joaquim Moreira da Fonseca a artigo publicado no "Jornal do Commercio" de 18 de Março do corrente ano, aqui reproduzido, quiz o Laboratorio Clinico Silva Araujo, da firma Carlos da Silva Araujo & Cia., fazer esta publicação, em homenagem á Gloriosa Memoria do Padre Joseph de Anchieta, o sacerdote tenerifense da Companhia de Jesus a cuja vida, bondade e valôr tanto deve a Patria Brasileira, una e cristã.

Reúne esta publicação tres artigos, todos publicados na edição já referida do "Jornal do Commercio", e da autoria de tres ilustres medicos patricios: os Drs. Joaquim Moreira da Fonseca, Luiz Felipe Vieira Souto e Jayme Poggi.

Necessária se tornava a permissão desses autores, bem como a do "Jornal do Commercio", para que a lume viésse esta publicação. Ela foi generosamente concedida ante o plano apresentado.

Registramos aqui os nossos agradecimentos aos que tornaram possivel a publicação deste trabalho, com que, homenageando uma Memoria que todos os brasileiros devem trazer no coração, pensamos agradar aos nossos amigos da Classe Médica.

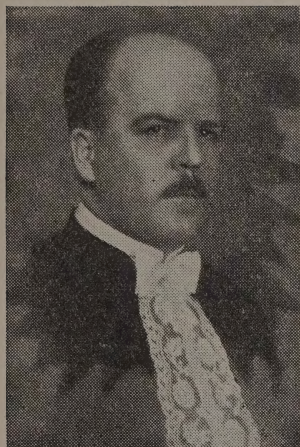
Rio, Abril de 1934.

Carlos da Silva Araujo & Cia.

NOTA BIOGRAFICA

SÔBRE O SR.

DR. JOAQUIM MOREIRA DA FONSECA



Dr. Joaquim Moreira da Fonseca

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21-7-1886. Doutorou-se em 1910, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Pelo seu curso brilhante e de destaque, foi-lhe conferido o premio de viagem á Europa, da turma de 1910.

Assistente-chefe do laboratorio da cadeira de Clínica Médica, a cargo do professor Dr. Miguel Couto, desde 1911.

Livre docente de Clínica Médica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo sua tese aprovada e coroada unanimemente, com voto de louvor pela Congregação.

Em 1914, foi-lhe concedido, pela Academia Nacional de Medicina, o premio "Costa Alvarenga".

É membro da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, do Rio de Janeiro.

É membro titular da Academia Nacional de Medicina.

Socio efetivo e Secretario Geral da Sociedade Médica São Lucas.

Professor catedrático interino da 2.^a cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1926).

Professor catedrático interino de Patologia Médica, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1929).

Professor catedrático interino da cadeira de Clínica de Doenças Tropicais, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1930).

Secretário Geral interino, da Academia Nacional de Medicina (1933).

Vice-presidente da Sociedade de Medicina Interna.

Professor catedrático interino da 3.^a cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1934).

Socio honorario da Sociedade Médica de Petropolis.

Socio honorario da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Socio da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia.

— Escreveu com proficiência grande número de trabalhos científicos originaes, acatados no mundo médico e científico por seu valor e atualidade.

Destacamos entre eles os seguintes:

"Um caso de paralisia alterna", prefaciado pelo professor Miguel Couto (1910).

"Contribuição ao estudo do nucleo lenticular", tese de doutoramento, aprovada com distinção (1910).

"Novos métodos para o diagnóstico da tuberculose" (1913).

"Tuberculose e glândulas de secreção interna" (1913).

"Sistema cromafino", tese de Livre docencia de Clínica Médica (1913).

"Hematologia na ancilostomíase" (1914).

"Subsidio ao estudo das formas nervosas do impaludismo", memoria apresentada á Academia Nacional de Medicina e coroada com o premio "Costa Alvarenga" (1914).

"Lipomatose simetrica" (1918).

"Da insuficiencia supra renal na gripe", memoria que lhe deu entrada como membro titular na Academia Nacional de Medicina (1919).

"Fisiologia do Sistema cromafino", contradita ao professor Gley (1920).

"As glândulas supra renais, a hipófise e a epífise na patologia infantil", capitulo dos "Elementos de Patologia Infantil", publicado sob a direção do Dr. Fernandes Figueira, em 1928.

“Neuro impaludismo” (1928).

“Fisio-patologia clínica da hipófise e da região infundibulo-tuberiana” (1929).

“Da continência masculina até o matrimonio, como fator eugenico”, tése aprovada por unanimidade no Congresso de Eugenia, em 1929.

“Quocientes leucocitarios” (1933).

“Doença de Basedow e seu tratamento” (1933).

“Doença ossea de Recklinghausen” (1933).

“O nascituro sob o ponto de vista jurídico” (1933).

“Provas da morte de Jesus, na Cruz” (1933).

Com mais de 40 trabalhos publicados, o Dr. Joaquim Moreira da Fonseca se salientou no mundo científico e na Classe Médica, onde goza do maior prestígio e consideração, que se devem a um batalhador incansavel.

ANCHIETA E A MEDICINA

PELO

DR. JOAQUIM MOREIRA DA FONSECA

PROFESSOR

CATEDRATICO INTERINO DA FACULDADE DE MEDICINA
DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Nos primordios da Historia do Brasil o veneravel Padre José de Anchieta constitue uma figura inconfundivel, á qual quanto mais se estuda mais ainda se reconhece sua benefica e decisiva influencia na formação inicial da nossa nacionalidade.

Por diversos prismas em que se aprecie este benemerito apostolo da Terra de Santa Cruz mais se o julga, e com acerto, digno de apreço e de admiração e merecedor do reconhecimento de todos os brasileiros.

Analysando-se a obra gigantesca executada por Anchieta, quando no Brasil tudo estava por fazer e faltavam todos os recursos, fica-se perplexo como a actuação de um homem pudesse ser tão efficiente naquelle tempo e pudesse imprimir um sello tão indelevel na mentalidade de um povo. E' que Anchieta sabia querer e esta sua força de vontade era estribada e animada pela fé christã, a qual não mede esforços nem desfallece diante do sacrificio, desde que se trate do bem da humanidade e da salvação das almas. Em todos os seus actos, em todos os seus escriptos, só se percebe em Anchieta um espirito superior, tendo como um unico ideal a gloria de Deus e a conversão dos homens para Deus.

O amor de Deus se evidencia exuberantemente em todas as obras levadas a effeito por Anchieta: o zelo pela catechese dos indios, a prégação da doutrina catholica, a administração dos sacramentos, a luta contra a propaganda da heresia protestante entre os gentios e os proprios portuguezes, a presteza no soccorro aos moribundos, a solicitude no auxilio e

na cura dos enfermos, a defesa dos selvícolas perseguidos pela cobiça dos europeus, o espirito de concordia e de pacificação, a caridade sempre prompta em servir ao proximo, o estudo e o cultivo do lingua brasilica, o esforço pelo ensino das primeiras letras e de outras disciplinas superiores, a feitura de peças theatraes, a composição de poesias, de sermões e de outros labores literarios de maior vulto, as informações historicas sobre os passos iniciaes do Brasil-colonia, os dados ethnologicos sobre os autochthonos, a descripção geographica das regiões percorridas, as anotações attinentes á fauna e á flora, bem como sobre o clima do Brasil, a narração de entidades nosologicas então observadas, emfim uma serie de outras prestimosas actividades, em que sobremodo se patenteia o profundo amor pela causa divina de que se achava sempre dominado o espirito privilegiado de Anchieta.

E, sublimando todas essas suas nobilissimas prerogativas, excelsas virtudes ornavam o coração de Anchieta, sempre humilde, puro, caridoso, obediente e piedoso, e possuindo uma grande devoção a Maria Santissima bem como acendrado amor a Jesus Eucharistico.

Se ao veneravel José de Anchieta cabe, e com muita razão, a gloria de ser cognominado o Apostolo das selvas e o thaumaturgo do Brasil, assim como lhe são de justiça os gloriosos titulos de nosso primeiro Mestre e de iniciador da nossa literatura, da nossa ethnographia e da nossa diplomacia (Iperoig), de igual forma se o pode apreciar como sendo o iniciador de escriptos sobre medicina e sciencias affins no Brasil. Consultando-se as suas cartas e as suas informações sobre o Brasil, bem como a historia de sua vida, escripta pelo chronista da Companhia de Jesus, Padre Simão de Vasconcellos, em 1672, verificam-se innumerous topicos e alentadas descrições concernentes á historia natural, á climatologia, á nosologia, á therapeutica, etc. no Brasil, que foram consignadas por Anchieta e pelas quaes se torna, tambem, este benemerito filho de Santo Ignacio digno de ser apreciado sob o ponto de vista de suas relações com a medicina.

Em numerosas paginas dos escriptos deixados por Anchieta encontram-se demonstraões cabaes do grande espirito de caridade que o animava, de modo a soccorrer indistintamente aos indios não convertidos como aos que já eram christãos. A todos valia com a mesma solicitude e o mesmo affecto. Onde se achasse um enfermo e que delle tivesse conhecimento Anchieta para junto do necessitado logo se dirigia. Procurava com os poucos recursos medicos de que dispunha sarar a enfermidade, ora fazendo curativos ou sangrando, ora dando medicamentos ou dieta que julgava conveniente. Ao lado desses cuidados com o corpo e mediante os quaes procurava adquirir a sympathia e converter seu irmão enfermo, Anchieta principalmente se interessava pela salvação da alma do doente, quer baptizando o gentio quando já devidamente preparado, quer administrando outros sacramentos se já era christão. Escrevendo a seus irmãos enfermos em Portugal, Anchieta diz: “Neste tempo que estive em Piratininga, servi de

medico e de barbeiro, curando e sangrando muitos daquelles indios, dos quaes viveram alguns, de quem se não esperava vida, por serem muitos mortos daquellas enfermidade”. Anchieta refere-se a barbeiro porque, naquelles tempos, era tambem mistér deste fazer sangria e applicar sanguessugas e ventosas sarjadas ou não.

Conta o padre Simão de Vasconcellos que, “como não houvesse na terra medico, ou sangrador, nem ainda lancetas, começaram alguns, e o irmão Joseph o primeiro, a aguçar seus canivetes de aparar pennas”, sangrando os Indios. Surgindo, porém algum escrupulo pelo facto de fazerem sangria, o que podia ir contra o regulamento da Companhia de Jesus, Santo Ignacio de Loyola consultado, respondeu: “Quanto ás sangrias, digo que a tudo se estende o bojo da caridade”.

Facil seria enumerar uma centena ou mais de factos relatados nas chronicas jesuiticas do Brasil comprobatorios do afincio com que Anchieta procurava alliviar os males do corpo e da alma de todos aquelles enfermos de quem se approximasse ou que a elle se chegassem. Era admiravel a abnegação, o desprendimento, o carinho que Anchieta dispensava ao doente, que delle logo se tornava captivo.

Para bem demonstrar o extraordinario amor ao proximo que abrasava o coração de Anchieta, é sufficiente transcrever a seguinte passagem relatada pelo padre Simão de Vasconcellos, a qual se deu nas proximidades de sua morte: “Correndo assi a enfermidade, succedeu um caso bem digno das ultimas resoluções de Joseph, e que fique aos da Companhia impresso nalma. Tratava de fazer-se em caza hum enxarope, ou purga, para outro enfermo (nam se diz se era Indio ou Religioso), nam avia destreza no exercicio deste medicamento, pareceu a Joseph que podia haver falta, era de noite levantou-se da cama onde estava, foi se á cosinha, e deu ordem do que havia de fazer-se, que para tudo tinha prestimo sua engenhosa charidade. Porém viu a custar-lhe muy caro este excesso de amor, porque estando tam debilitado, e consumido aquelle corpo, da força da doença, que não tinha mais que os ossos, cahiu em terra desmaiado, e frio, qual se fora o accidente derradeiro da morte, foi levado ao leito em braços e começou deste accidente a descahir o alento vital, a passos apressados, taes que nam davam logar a humanas esperanças”.

Ainda em 1582, quando de passagem, como provincial, pela cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, José de Anchieta soube manifestar o seu grande espirito de caridade. Assim é que o padre Simão de Vasconcellos conta que, naquelle anno, aportou ao Rio uma armada castelhana sob o commando do general Diogo Flores Baldez, composta de 16 naos. A principio esta inesperada visita causou grande alvoroço na cidade, mas Anchieta acalmou o povo e as autoridades, pois garantia não ser inimiga tal armada e assim foi. Naquelles navios castelhanos vinham 3.000 hespanhoes que Philippe II mandava para assegurar o estreito de Magalhães. “Aqui se viu o grande espirito de caridade de Joseph. Trazia esta armada muitos

doentes e necessitados da demora e contraste da larga viagem, deu traça com que se lhe assignalasse caza de hospital, que té entam nam havia naquella Cidade, a esta fez trazer os doentes e destinou Religiosos para servilos e assistir a suas curas, com surgiam, medico e todo o necessario com grande despeza para o Collegio, etc.” Da fundação deste primeiro hospital na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro pretendem que se trate da installação das primeiras enfermarias da Santa Casa da Misericordia, que, então, teria começado a receber doentes.

Em dous artigos publicados no “Jornal do Commercio” (22 de Abril e 5 de Maio de 1895), os quaes não trazem o nome de seu autor, vem este assumpto da fundação da Santa Casa da Misericordia explanado em algumas columnas. Assim ahi se escreve: “No *Sanctuario Mariano*, de Lisboa, publicado de 1707 a 1733, o seu autor frei Agostinho de Santa Maria, tratando da imagem de Nossa Senhora do Bomsucesso, que se venera na Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, escreveu: “Pelos annos de 1582 *se entende* teve principio a Casa da Misericordia na Cidade do Ryo de Janeyro, ou poucos annos antes”. Depois de repetir o facto narrado acima pelo padre Simão de Vasconcellos relativo á armada castelhana de Diogo Flores Baldez, termina frei Agostinho de Santa Maria dizendo: “Com esta occasião teve principio o Hospital da Cidade de S. Sebastião do Ryo de Janeyro. E entendendo muytos que então tivera principio a Casa Santa da Misericordia, que hoje é nobilissima. Neste tempo os Irmãos daquella Santa Casa, novamente erecta tomaram por sua conta acudir tambem o Hospital, o que fizeram com grande caridade, e o foram augmentando no material com tanta grandeza e tão perfeytas enfermarias, como hoje se vem, aonde se curam todos os enfermos de hum e outro sexo, com eximia Caridade. Fica este situado muros a dentro da Cidade junto á Casa da Misericordia”. Parece por esta ultima indicação que o referido hospital ficava junto ao antigo edificio da Faculdade de Medicina, onde hoje ainda se acham installadas algumas enfermarias de senhoras da Santa Casa da Misericordia.

Um artigo, porém, sahido no proprio “Jornal do Commercio”, em 1880, com o titulo de “Fundação da Santa Casa da Misericordia”, assignado por F. S., que, segundo o articulista citado acima, de 1895, se trata provavelmente de Francisco Sá, antigo chefe da secretaria da Santa Casa, nega ser Anchieta o seu fundador.

Monsenhor Pizarro nas suas “Memorias historicas” attribue tambem a Anchieta a fundação da Santa Casa do Rio de Janeiro.

O provedor José Clemente Pereira em seu relatorio de 1841 repete ser Anchieta o fundador da Santa Casa da Misericordia, projectando então erigir uma estatua de Anchieta, o que mais tarde se realizou, encontrando-se hoje esta estatua no saguão do Hospital Geral. O que parece razoavel deduzir-se de tudo que foi exposto é que, se a Santa Casa da Misericordia não foi propriamente fundada por Anchieta, com grande probabili-

dade o hospital installado por Anchieta para recolher os doentes da tal armada castelhana de Diogo Flores Baldez despertou a idéa e serviu de estímulo a identica fundação por parte da já existente Irmandade da Santa Casa, criada anteriormente a 1582, mas que só recebeu a provisão regia de Felipe III nos primeiros annos, do seculo XVII. Esta Irmandade até a fundação do hospital (com enfermarias) destinava-se a soccorrer os velhos e os aleijados, a dar esmola aos pobres, a facilitar o casamento aos necessitados e a outras obras de misericordias.

Com relação ás enfermidades observadas ou descriptas por Anchieta é curioso apreciarem-se os dados nosologicos por elle fornecidos naquella epoca. Numa das suas cartas de S. Vicente (1560) fala Anchieta de “uma catecumena que havia dois annos estava enferma de calenturas, fez-se trazer a Piratininga por seus parentes, para que a curassemos; fizemo-lhes os remedios que podiamos, mas como a febre já estava arraigada, curamol-a mais da saude da alma, . . . depois de mui larga doença, esteve quasi meio dia fóra de si, e tornando em si já tarde, como que acordava de algum somno . . . e duas ou tres horas se passou para a vida”. Parece que as taes calenturas de que fala Anchieta sejam as febres palustres, tanto mais que elle descreve uma especie de somno, muito provavelmente o estado de coma paludico.

Nas carta escripta de São Vicente em 1561 Anchieta diz: “Este anno nos castigou a Divina Justiça com muitas enfermidades, principalmente com cameras de sangue, que deram maximé nos escravos, de que morreram muitos, e tanto que parecia pestilencia. Dois, tres, quatro dias duravam com ellas, que não morressem alguns, que outros escapavam. Isto nos tem dado muito trabalho, porque de dia e de noite não cessavamos de os confessar, e acudir com os remedios que podiamos, maximé em Piratininga, em que os Irmãos são medicos espirituaes e corporaes, e tudo pende delles, onde não havia casa sem doente, e em algumas havia tres e quatro, de maneira que bem se havia mistér, dia e parte da noite, para os sangrar, curar e confessar, e pela mesma dilligencia que os irmãos nisso punham, não morreram ali tantos, como em outras povoações onde isto faltava; morreram muitos sem se confessar por as povoações serem muitas e nós outros poucos, e não poder accudir a todos. Depois que tivemos curado a todos, o Senhor começou a dar-nos o galardão dos trabalhos, e isto foi fazer-nos participantes da mesma enfermidade das cameras de sangue, mas com ellas e com febres, que sempre as acompanharam”.

Por essa narrativa parece tratar-se da dysenteria, não amebiana, mas sim bacillar em vista da febre que acompanhava sempre as cameras de sangue assim como pelo character de grande contagiosidade e rapida epidemidade.

Na carta de S. Vicente, escripta em 1565, Anchieta relata que aquella villa havia sido visitada e castigada com muitas enfermidades e logo adiante accrescenta: «A principal destas doenças hão sido variolas, as quaes

ainda brandas e com as costumadas que não têm perigo e facilmente saram; mas ha outras que é cousa terrivel: cobre-se o corpo dos pés á cabeça de uma lepra mortal que parece couro de cação e occupa logo a garganta por dentro e a lingua de maneira que com muita difficuldade se podem confessar e em tres, quatro dias morrem; outros que vivem, mas fendendo-se todos e quebra-se-lhes a carne pedaço a pedaço com tanta podridão de materia, que sahe delles um terrivel fedor, de maneira que acodem-lhes as moscas como á carne morta e apodrecida sobre elles e lhes põem gusanos que se não lhes soccorressem, vivos os comeriam”. Pouco adiante diz Anchieta que “em Piratininga já se encrueleceu muito esta enfermidade, de maneira que em breve espaço morreram muitos e a maior parte foram meninos innocentes, de que cada dia morriam tres, quatro, e ás vezes mais”.

“Assás de trabalho, continúa Anchieta, tive ali, como sempre, acudindo a todos, sangrando dez, doze cada dia, que esta é a melhor medicina que achamos para aquella enfermidade; E o melhor é que em pago destas boas obras, alguns delles, como são de baixo e rude entendimento, diziam que as sangrias os matavam, e escondiam-se de nós outros, e mandando fazer umas covas longas a maneira de sepulturas, e depois de bem quentes com muito fogo, deixando-as cheias de brasas e atravessando paus por cima e muitas hervas, se estendiam ali tão cobertos de ar e tão vestidos como elles andam e se assavam, os quaes commumente depois morriam, e suas carnes, assim com aquelle fogo exterior como com o interior da febre, pareciam assadas. Tres destes que achei revolvendo as casas, como sempre fazia, que se começavam a assar, e levantando-os por força do fogo, os sangrei e sararam pela bondade de Deus. A outros que daquelle pestilencial mal estavam muito mal e esfolei parte das pernas e quasi todos os pés, cortando-lhe a pelle corrupta com uma tesoura, ficando em carne viva, cousa lastimosa de ver, e lavando-lhes aquella corrupção com agua quente, com o que pela bondade do Senhor sararam; de um em especial me recorda que com grandes dores não fazia senão gritar; e gastando já todo o corpo estava em ponto de morte, sem saber seus paes que lhe fazer, senão chorar-lhe, o qual, como lhe cortámos com uma tesoura toda aquella corrupção dos pés, e os deixamos esfolados, logo começou a se dar bem e cobrou saude”.

Desta minuciosa descripção que faz Anchieta de tão terrivel enfermidade, deduz-se naturalmente que esta seja a variola, como elle proprio o diz; e na sua modalidade gravissima, qual seja a gangrenosa, tão bem pintada em suas tetricas manifestações por Anchieta. Relativamente ás taes variolas brandas que facilmente saram, talvez sejam fórmias benignas ou abortivas, ou ainda cataporas, varicella e não variola. O facto da preferencia para as crianças é assaz frisante, tal como hoje ainda se observa, quando não vacinadas. A therapeutica empregada e apregoada por Anchieta, qual seja a sangria, difficilmente encontra a sua razão de ser; mas, tambem o methodo pelo fogo usado por alguns enfermos rebeldes á lanceta é tudo o que ha de mais inconcebivel.



Os empestados da esquadra de Flores Valdez

(Rio de Janeiro - 1581)

Esta mesma peste de variola, [assinalada por Anchieta em S. Vicente e Piratininga, corresponde á “corrupção pestilente” que segundo o Padre Simão de Vasconcellos assolou o Brasil inteiro, em 1563, sobretudo a Bahia, onde “tirou a vida a três partes dos índios” (Afranio Peixoto).

Na “Informação dos primeiros aldeamentos” Anchieta volta a falar desta terrível epidemia de variola e assim se expressa: “No mesmo anno de 1562, por justos juizos de Deus, sobreveiu uma grande doença aos Índios e escravos dos Portuguezes, e com isto grande fome, em que morreu muita gente e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam metter por casa dos Portuguezes a se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha e outros diziam que lhes puzessem ferretes, que queriam ser escravos: foi

tão grande a morte neste gentio, que se dizia que entre escravos e Índios forros morreram 30.000 no espaço de 2 ou 3 mezes. “Paginas adiante, accrescenta Anchieta: “...Os Padres andavam com alguns moços pelas casas dos Índios, lavando-os e ampliando-os; era tal a doença das bexigas que, curando-os desta maneira, muitas vezes lhes ficava a pelle e a carne dos doentes pegada nas mãos, e o cheiro era tal que se não podia soffrer”.

Para terminar estas considerações sobre as doenças descriptas por Anchieta, é interessante lembrar que elle, segundo o Padre Simão de Vasconcellos, chamava as enfermidades os despertadores da morte.

De sua carta escripta de S. Vicente, em 1560, Anchieta cogita da teratologia e assim se exprime: “Destes Brasis direi que quasi nenhum se encontra entre elles affectado de deformidade alguma natural; acha-se rara-

mente um cego, um surdo, um mudo, ou um coxo, nenhum nascido fóra do tempo. Todavia, ha pouco tempo, em uma aldeia de Indios, a uma ou duas milhas de Piratininga, nasceu uma creancinha, ou antes um monstro, cujo nariz se estendia até ao queixo, tinha bocca abaixo deste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquatico, coberto de horrendas escamas, as partes genitales perto dos rins; a qual seu pae, assim que nasceu, fez enterrar viva”.

Linhas abaixo fala Anchieta de um porco hermaphrodita nascido em Piratininga. Na carta de 1565, escripta de S. Vicente, Anchieta falando da variola declarava: “dava em mulheres pejudas, e morriam ellas e os filhos, os quaes se baptizavam, salvo um, que, porque nasceu sem nariz e com não sei que outras enfermidades, o mandou logo um irmão de seu pae enterrar sem nol-o dar a saber, que assim fazem a todos os que nascem com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum coxo, torto ou mudo nesta nação.

Pela carta de Anchieta, escripta de S. Vicente em 1560, se depreende que naquelles tempos as praticas abortivas já eram, infelizmente, empregadas; assim é que affirma elle: “Entre estas cousas acontece que se baptizam e mandam ao Céu alguns meninos que nascem meio mortos, e outros movidos, o que acontece muitas vezes mais por humana malicia que por desastre, porque estas mulheres brasilicas mui facilmente movem ou iradas contra seus maridos, ou os não têm por medo; ou por outra qualquer occasião mui leviana matam os filhos; ou bebendo para isso algumas beberagens; ou apertando a barriga, ou tomando alguma carga grande e com outras muitas maneiras que a crueldade deshumana inventa”.

O verbo mover é, ahi, empregado por Anchieta em accepção de abortar.

Passando do assumpto da therapeutica, vê-se que Anchieta apregôa sobremodo o emprego da sangria para a generalidade das doenças, parecendo que a retirada de uma dada quantidade de sangue tudo resolve. Nesta convicção, talvez, esteja o motivo porque Anchieta não parece confiar muito nos medicamentos. Isto, pelo menos, se depreende de certos topicos de uma carta que escreveu aos seus irmãos enfermos de Portugal. Assim diz elle depois de aconselhar a paciencia, a conformidade na molestia, que serve tambem para aperfeiçoar a virtude (*Virtus in infirmitate perficitur*): “Desejando vol-os curar com outras mais fortes mezinhas, que as que lá se usam: porque, sem duvida, pelo que em mim experimentei vos posso dizer que estas mezinhas materiaes pouco fazem e aproveitam”.

Realmente assistia razão Anchieta em duvidar dos medicamentos usados naquellas épocas (como tambem de muitos dos de hoje), porque então dominava o empirismo e as praticas mais absurdas.

Interessante é a passagem em que, nesta mesma missiva, Anchieta aconselha a psychotherapia sem a conhecer, e assim é que diz, falando de si pro-

prio: “porque em fazendo conta que não estava enfermo comecei a estar são; e podeis vêr minha disposição pelas cartas que escrevo, as quaes parecia impossivel escrever estando lá”.

Cogitando do tratamento do cancro, Anchieta diz: “O *cancro* (que é ali de tão difficil cura) é facilmente curado aqui pelos Indios. Dão a essa doença o mesmo nome que entre nós, curam-a, porém, deste modo: aquecem ao fogo um pouco de barro bem amassado, com que se fazem vazos, e tão quente quanto a carne possa supportar o applicam aos braços do cancro, os quaes morrem pouco a pouco, e tantas vezes repetem este curativo até que, mortas as pernas, o cancro se solta e cahe por si. Isto foi ha pouco provado com experiencias em uma escrava dos Portuguezes, a qual soffria desta doença”.

Oliverio Mario, citado por Afranio Peixoto, é de opinião que o tal “cancro” não seja o neoplasma maligno, o que, realmente, não deve ser. Levanta a hypothese de ser uma neoformação benigna ou mesmo um carangueijo apegado ao corpo humano. Parece-nos, porém, que mais se deve pensar em berne ou qualquer myiase, em que os topicos causticos, via de regra, resolvem a sahida do parasita.

Além de sangrador, Anchieta, conforme a necessidade, se tornava até cirurgião; assim é que descreve o caso de um indio “ao qual se inchou uma mão em tanta maneira que toda se corrompeu, a qual eu lhe abri em duas partes com uma lanceta, e a uma foi quasi em meio da palma, em que podia bem fechar os olhos ás mãos de Christo Nosso Senhor, e junto com isso se lhe empolou o braço até os hombros de umas inflamações tão feias, que os outros não se ousavam de chegar a elle”. Aconselhou-lhe ainda Anchieta o emprego do mel do bosque e em seguida fez os curativos com azeite e o doente sarou. Parece que se trata de um fleugmão da mão, que se estendeu através as bainhas tendinosas pelo braço acima. A idéa do rejuvenescimento já se encontrava no meio indigena e Anchieta conta que “as velhas se hão de tornar moças e para isso fazem lavatorios de algumas ervas com que se lavam”. Verbera ainda Anchieta a credence dos indios nos taes feiticeiros a que chamam santidades os quaes “são tidos por elles (selvicolas) em grande estimação, porquanto chupam aos outros, quando são accommettidos de alguma dôr; e assim os livram das doenças e affirmam que teem a vida e a morte em seu poder”.

Tratando da alimentação, Anchieta escreve: “O principal alimento desta terra é a farinha de pau, feita de umas certas raizes que se plantam (a que chamam mandioca), as quaes, se se comerem cruas, assadas ou cozidas matam; é preciso serem deixadas nagua até que apodreçam; aprodrecidas porém que sejam, convertem-se em farinha, que se come depois de torrada em vasos um tanto grandes, feitos de barro; isto substitue entre nós a farinha de trigo. Constitue a outra parte da alimentação as carnes selvaticas, como sejam os macacos, as corças, certos outros animaes semelhantes aos lagartos, os pardaes (?), e outras fêras; tambem os peixes dos rios, mas esses raramente.

A parte mais importante, porém, do sustento consiste em legumes e favas, em aboboras e outras que a terra produz, em folhas de mostarda e outras ervas cozidas; usamos em lugar do vinho, de milho cozido em agua, a que se ajunta mel, de que ha abundancia; é assim que sempre bebemos as tisanas ou remedios; e se isto temos com fartura, quasi que não nos parecemos a nós mesmos pobres”.

Numa “Informação da Provincia do Brasil”, que Anchieta escreveu (em 1585) ao seu Superior em Portugal, aprecia os diversos alimentos mais em uso no Brasil, falando novamente sobre a mandioca, e mais ainda sobre o aipim, a batata, o cará, o mangará, além dos alimentos que recebiam de Portugal.

Em seguida, Anchieta, salientando a abundancia das diversas especies de gado vindos de Portugal, fala da carne dos porcos montezez, das gallinhas montezez, rôlas, faisões, avestruzes, garças, aguias, coelhos, perdizes, e outras muitas caças. Enumera entre os pescados a baleia, o peixe-boi, o méro, além das tartarugas, kagados, lagostins, ostras, carangueijos, breguiões, camarões, etc. Além das fructas oriundas de Portugal, cita Anchieta: mangaba, mucujês, acajús, araticús, naná e outros. Termina dizendo algumas palavras sobre os legumes, quasi todos provenientes do Reino.

No que diz respeito á climatologia, Anchieta encerra, em seus escriptos, dados bem curiosos, cuja veracidade se patenteia com o que ainda hoje se observa nas diversas regiões do Brasil. Chama a atenção sobre a pouca differença entre as diversas estações do anno; fala sobre os aguaceiros, as enchentes dos rios e inundações circumvizinhas, assim como relata as seccas terriveis e suas funestas consequências; aprecia os ventos e salienta a humidade. Já aponta que a divisão das estações do anno é totalmente opposta á da Europa e diz que a primavera começa em Setembro e o estio em Dezembro, o outomno em Março e o inverno se estende pelos mezes de Junho, Julho e Agosto. Diz mais que os grandes calores do verão são moderados pela muita abundancia das chuvas e que no inverno chegou a observar geada nos campos. Anchieta assim descreve, de um modo succinto, o clima do Brasil: “O clima desta provincia do Brasil é geralmente muito temperado, de bons e delicados ares e mui sadios, aonde os homens vivem muito, até oitenta, noventa e mais annos, e a terra está cheia de velhos. Não tem frios nem calores grandes, os céos são muito puros, maxime á noite. É terra humida, prejudicial á vista e ás feridas das pernas e não ficam bons dellas tão cedo maxime se lhes chega o rocio da manhã. Para a cabeça é muito salutifera, e por mais feridas que uma pessoa tenha na cabeça logo fica sã. Algumas terras são mais saudaveis que outras. Na Bahia se criam mal os meninos e morrem muitos, mas os que chegam á idade perfeita vivem muito, mas não sem doenças por não ser tão sadia como as demais Capitánias”.

Conta que os padres e irmãos da Companhia de Jesus de ordinario têm saude e não deitam sangue pela boca nem têm catarrho, dôr de pedra, colica, dôr de cabeça e de peito, nem outras enfermidades que têm muitos dos que

se acham em Portugal; e se alguns as têm é de muitos trabalhos ou de muita velhice; de quentura (impaludismo?) são ás vezes enfermos, maxime na Bahia.

Chega mesmo Anchieta a fazer a apologia do clima do Brasil, quando escreve: “Sei dizer que se o Padre Miram quizer mandar-vos a todos os que andaes opilados e meio doentes a terra he mui bôa e ficareis mui sãos: as medicinas são trabalhos e tanto melhores, quanto mais conformes a Christo”.

Um dos capitulos mais interessantes sob o ponto de vista de suas relações com o estudo da medicina, é o que refere á historia natural, principalmente á zoologia. Se bem que a parte scientifica, a tecnologia propriamente, seja precaria, comtudo não se póde negar que Anchieta presta um valioso subsidio ao estudo da fauna e da flora daquelles tempos do Brasil colonial.

É memoravel aquella missiva intitulada “*Epistola quam pluvimarum rerum naturalium, quoe S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt*”, na qual Anchieta lança os fundamentos da historia natural do Brasil, de modo a poder ser tambem encarado como o iniciador desses estudos.

Começa descrevendo as cobras, taes como a sucuryuba (sucuri), a jara-raca, a boicininga (cascavel), a ibiboboca (cobra coral), a boignatiára (cutiara), a boipeba, a boiroçanga (mussurana) e outras. Chama a attenção que algumas dellas são viviparas, assim como salienta o caracter extremamente venenoso de muitas. Falando sobre a mordedura da boicininga, isto é, da cascavel, diz: “uma vez só que mordam não ha mais remedio: paralyssam a vista, o ouvido, o andar e todas as acções do corpo, ficando sómente a dôr e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que ao fim de vinte e quatro horas se expira”. Como é verdadeira esta descripção da acção neurotoxica do veneno crotalico, provocando a sideração do systema nervoso! Fala Anchieta tambem na immunização á acção toxica do veneno da cobra; assim é que, descrevendo a jararaca, diz que se o indio escapar da morte á primeira mordedura, que quasi sempre é mortal, não corre mais risco de vida, como sente menos dôr, se mordido outra vez.

Passa, em seguida, Anchieta a descrever os carangueijos, os escorpiões, as lacraias, as centopeias, as aranhas; voltando aos vertebrados, passa em revista e com minucia o boi-marinho, o jacaré, a capivara, a lontra, a panthera, o tigre, a onça, a anta, o tamanduá, a preguiça, a gambá, o ouriço, os macacos, o tatú, os veados, o porco do matto, os gatos montezez, o gamo, e tantos outros, fazendo sobre cada um delles uma série de interessantes considerações e descendo a particularidades descriptivas das mais instructivas.

Passando ás aves, estuda os papagaios, o avestruz, os passaros, principalmente o beija-flôr, a jurity, o guará, o mergulhão, o gavião, a perdiz, o faisão, o jacú, gallinhas silvestres, etc.

Ainda fala, pormenorizadamente, das formigas, das abelhas, das moscas e dos mosquitos.

Em todos estes differentes capitulos denuncia Anchieta um grande espirito de observação, procurando, quanto possivel, relatar o que lhe foi dado consignar.

No que concerne ao reino vegetal, Anchieta não se mostra tão minucioso, sem comtudo se descuidar em assignalar o que lhe pareceu mais interessante. Fala da mandioca, do yeticopê (jacatope), cuja semente diz ser um violentissimo veneno, da sensitiva, da copahyba, dos mangues, da sapucaia, dos pinheiros.

Sobre plantas medicinaes, descreve algumas. Informa Anchieta: “Ha uma certa arvore, de cuja casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um liquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago por violentos vomitos; por pouco, porém, que se exceda na dóse mata. Deve-se emfim tomar delle tanto quanto caiba em uma unha e isso mesmo diluido em muita agua; se não se fizer assim, incommoda extraordinariamente, queima a garganta e mata». Miranda Azevedo indaga se será a gameleira ou o jaracatiá.

Continúa Anchieta: “Ha uma certa raiz, abundante nos campos, utilissima para o mesmo fim; raspa-se e bebe-se misturada com agua: esta, se bem que provoque vomito com bastante violencia, todavia bebe-se sem perigo de vida». Esta parece ser a poaya ou ipecacuanha.

Ainda cogita Anchieta de outras plantas a que se attribuem effeitos therapeuticos.

A respeito da mineralogia pouco adianta Anchieta, apenas descrevendo uma certa pedra molle, que serve para afiar espadas, etc.

Eis, em pallido resumo, o que foi a preciosa contribuição do veneravel Padre José de Anchieta em beneficio da medicina e sciencias affins, durante a vida de apostolado com que se dedicou, de corpo e alma, á salvação dos indigenas, dos escravos e dos colonizadores nos primordios da nossa nacionalidade.

Se, em Anchieta, não se póde propriamente encarar a sua figura como um cultor da medicina, não ha negar, porém o muito que, pelos seus escriptos, fez neste sentido no Brasil-colônia.

Mas, se medico não era pelos conhecimentos scientificos, Anchieta, todavia, possuia, sem duvida, dons especiaes, com que a mercê de Deus o galardoou, mediante os quaes, tantas vezes, poudo dar a saúde aos enfermos e afastar a morte, a custa de mezinhas innocentes ou tão sómente em virtude de prerogativas sobrenaturaes que a Omnipotencia Divina confia aos seus eleitos, aos seus santos.

Por esse motivo é que o Padre Simão de Vasconcellos escreve sobre Anchieta o seguinte: “Assim como dominava os elementos da terra, e seus animaes, os elementos do mar, as aguas dos rios, fontes e chuvas, os animaes das aguas, os elementos do ar, seus animaes, e os do fogo, dominava, tam-

bem, curando, os males da cabeça, dos olhos, da boca, dos dentes, da garganta, do peito, das costas, das entranhas, das mãos, dos pés, etc., enfim sobre a saúde geral dos corpos”.

Para terminar, seria curioso trasladar para aqui a figura psycho-organica de Anchieta, segundo o seu biographo Padre Simão de Vasconcellos: “Foy o Padre Joseph de Anchieta de estatura mediocre, diminuto de carnes, em vigor de espirito robusto, e actiuoso, em côr trigueiro, os olhos parte azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas, no semblante inteiro, alegre e amavel. Eram magnanimos seus espiritos, e seu coração generoso para empresas grandes”.

A José de Anchieta, o iniciador da cultura da medicina e sciencias affins no Brasil, a homenagem e a veneração do menor dos medicos brasileiros.

(Este modesto trabalho baseia-se, principalmente nas “Cartas, informações, fragmentos historicos, e sermões” do Padre Joseph de Anchieta, S. J., e suas preciosas annotações de A. de Alcantara Machado, editados pela Academia Brasileira de Letras, sob a direcção de Afranio Peixoto).

NOTA BIOGRAFICA

SÔBRE O SR.

DR. LUIZ FELIPPE VIEIRA SOUTO



Dr. Luiz Felipe Vieira Souto

O Dr. Luiz Felipe Vieira Souto nasceu a 22-11-1906, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1925 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se destacou pelo esforço e superior inteligência; assim, foi monitor da cadeira de Histologia, foi 1.º Secretário e depois Secretário Geral da Caixa Beneficente Miguel Couto; interno adjunto e depois efetivo de 2.ª classe e mais tarde de 1.ª, do Hospital Geral da Santa Casa na 13.ª Enfermaria, cujo chefe era então o seu ilustre progenitor, o Snr. Dr. Luiz Honório Vieira Souto, cirurgião e obstetra ilustre, membro da Academia Nacional de Medicina e personalidade de acentuado destaque na Classe Médica do país.

Foi socio efetivo, vice-presidente, e mais tarde presidente interino da Sociedade Academica de Medicina e Cirurgia.

Foi auxiliar academico da Assistencia Publica Municipal do Rio de Janeiro, no posto central e no de Copacabana.

Em 1930, doutorou-se em medicina e defendeu tese de doutoramento sôbre "Luxação central do femur", precedida de um estudo biografico do Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, que foi laureada e lhe conferiu o premio "Manoel Feliciano" (medalha de ouro).

É membro adjunto do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, e assistente da 13.ª Enfermaria.

Em 1932, apresentou á Academia Nacional de Medicina

o trabalho: "A pesquisa do Indican em clínica cirurgica", laureado com medalha de ouro.

Em 1932, foi laureado com o "Premio Doutorandos de 1900", pela Academia Nacional de Medicina (medalha de ouro, para o melhor trabalho apresentado sob pseudonimo, sôbre assunto de cirurgia geral).

Escritor de valor, grande amigo e estudioso de questões de História, em 1931 tornou-se membro efetivo do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, o qual o promoveu a Secretário adjunto do 2.º Congresso de História Nacional.

Em 1933, tornou-se membro efetivo do Instituto Historico de Ouro Preto.

É autor de diversos trabalhos reconhecidamente valiosos; assim, sua atividade se manifestou desde a banca academica, pois em 1927 escreveu, no n.º de julho da revista "A Academia", um artigo sôbre "Imunidade e anafilaxia".

Em 1928, publicou (no dia da criança) o artigo: "O papel do médico em face da criança". Publicou ainda: "Pesquisa do Indican, em clínica cirurgica. Indican, Escatol, pesquisa e dosagem", (n.º de setembro de 1932, da revista "A Patologia Geral").

"Pesquisa do Indican, em clínica cirurgica, meios quimicos de pesquisa e dosagem e meios físicos de pesquisa e dosagem," (n.º de novembro de 1932, da revista "A Patologia Geral").

"Pesquisa do Indican, em clínica cirurgica, valor do diagnóstico e prognóstico" (n.º de Março de 1933, da revista "A Patologia Geral").

Publicou os folhetos: "Fistula traqueo-esofagiana", separata de artigo aparecido na "Revista das Clinicas" (1933) e "Tratamento cirurgico do xantelasma" (1934).

Em 1931, apresentou uma memoria ao 2º Congresso de História Nacional, sôbre Soares de Meirelles.

Tem ainda publicado: "Dois romanticos brasileiros", 128 pgs. (1931); "Georges Washington", artigo publicado a 21-1-1932, no Diário de Noticias.

"Carlos Magalhães de Azevedo", publicado no Correio da Manhã, em 10-4-1932.

"Um paraense illustre: Manoel da Gama Lobo", artigo em 17-5-1932.

"Ferreira Vianna", artigo publicado no Diario de Noticias em 11-5-1932.

"Georges Cuvier", conferência feita no Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

"General Dr. Francisco Pinheiro Guimarães", 25 pgs.

É portanto, e apezar da sua juventude, a par de médico illustre, um notavel historiador, a quem o Brasil já deve grande cópia de trabalhos e em quem deposita as mais bem fundadas e justificadas esperanças.

ANCHIETA MEDICO

PELO

DR. LUIZ FELIPPE VIEIRA SOUTO

Quarenta e quatro annos floresceu José de Anchieta no Brasil, dos quaes boa parte soube aproveitar catechizando os selvagens: em suas relações com estes observou e reconheceu a efficacia de muitos vegetaes empregados no curativo de diversas molestias e, ajuntando a isso o fruto de muita experiencia e de estudo particular, exercia ao mesmo tempo, nas povoações do interior que visitava, o seu ministerio de missionario, e as funções de medico e de enfermeiro animado pela caridade, que assim o fazia supprir a falta de homens da sciencia e de pessoas entendidas em tratamento de doentes."

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

A medicina, entre os selvagens da America, demonstra o grau de intelligencia e a intuição destes povos barbaros, desde que se afastem as praticas religiosas, ridiculas quasi sempre, e exclusivamente exercidas pelos pagés, que assim aproveitavam-se de seus semelhantes em momentos afflictivos, para beneficio proprio.

Aos viajantes que tiveram contacto mais intimo com os selvagens, foram objecto de cuidadosa observação os conhecimentos medicos e principalmente os chirurgicos, existentes mesmo entre as tribus mais afastadas das povoações nascentes e da catechese incipiente.

Conheciam grande numero de vegetaes, de que se utilisavam ao serem mordidos pelos reptis venenosos, pullulantes nas florestas que percorriam e habitavam. Applicavam o guaraná, em alta escala com o fito de debellar innumeras doenças, sendo não raro empregados suadores em cabana apropriadas a tal fim.

Das raizes que usavam, com fins medicinaes, Anchieta em sua decima carta, escripta em 1560, dá conhecimento de varias especies, depois de relatar as comestiveis: "Ha outras raizes chamadas yeticopê, semelhantes ao rabão, de agradável sabor, muito apropriadas para acalmar tosse e molificar o peito".

E mais adiante referindo-se possivelmente á copahyba diz: “Das arvores uma parece digna de noticia, da qual, ainda que outras haja que distillam um liquido semelhante á resina, util para remedio, escorre um succo suavissimo, que pretendem seja o balsamo, que a principio corre como oleo por pequenos furos feitos pelo caruncho ou tambem por talhos de foices ou de machados, coalha depois e parece converter-se em uma especie de balsamo; exala um cheiro muito forte, porém suavissimo e é optimo para curar feridas, de tal maneira que em pouco tempo (como dizem ter-se por experiencia provado) nem mesmo signal fica das cicatrizes”.

Desta carta tão rica em informes relativos á medicina entre os selvagens, merecem transcripção ainda alguns periodos: “Uteis á medicina não só muitas arvores, como raizes de plantas; direi, porém, alguma cousa, maximé das que são proveitosas como purgantes”.

“Ha uma certa arvore, de cuja casca cortada com faca, ou de galho quebrado, corre um liquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago por violentos vomitos: por pouco, porém, que se exceda na dose, mata. Deve-se, enfim, tomar d'elle tanto quanto caiba em uma unha e isso mesmo diluido em muita agua: se não se fizer assim incommoda extraordinariamente, queima a garganta e mata”.

“Ha uma certa raiz, abundante nos campos, utilissima para o mesmo fim; raspa-se e bebe-se misturada com agua; esta, se bem que provoque o vomito com bastante violencia, todavia bebe-se sem perigo de vida.

“Ha tambem outra, chamada vulgarmente marareço; as suas folhas parecem as do boldo, a raiz pequena e redonda, que se come assada ou bebe-se esmolda com agua, exposta por uma noite ao sereno”.

“Descobriu-se ultimamente outra, que é tida em grande estima e com razão. Esta é oblonga e delgada; contundida e deixada de infusão em agua pelo espaço de uma noite, bebe-se de manhã sem dificuldade, não causa nausea, nem produz fastio; desembaraça, porém, o ventre com abundante fluxo, que cessa logo que se tome algum alimento, o que é commum ás de que falei ha pouco”.

“Ha além destas, varias outras que servem muito para soltar o ventre, quanto para o prender. Excepto os frutos de certas arvores, quasi que nenhum remedio efficaz se encontra”.

Falando dos naturaes do paiz, Anchieta explica a falta de aleijados entre os indios, facto constatado por diversos viajantes, e ao qual na carta decima quinta, ainda fará referencia, tal a indigação que lhe causou o meio empregado pelos aborigenes para se livrarem dos menos hygidos: “Destes Brasis direi, em ultimo lugar, que quasi nenhum se encontra entre elles affectado de deformidade alguma natural; acha-se raramente um cego, um surdo, um mudo, um coxo, nenhum nascido fóra de tempo. Todavia ha pouco tempo em uma aldeia de Indios, a uma ou duas milhas de Piratinin-

ga, nasceu uma criancinha, ou antes um monstro, cujo nariz se estendia até ao queixo, tinha a boca abaixo deste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquatico, cobertas de horrendas escamas, as partes genitais perto dos rins; a qual seu pai, assim que nasceu, fez enterrar viva”.

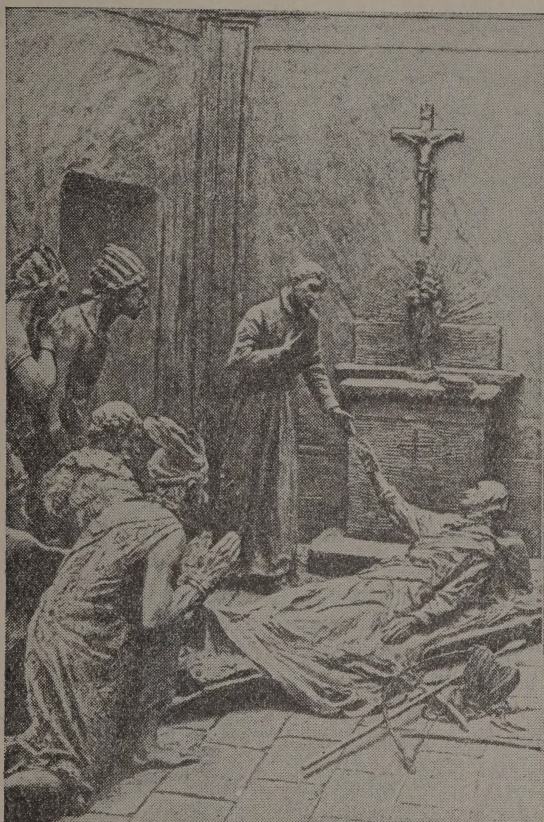
Não só Anchieta e os jesuitas notaram este pendor indigena, de que tiraram proveito para a catechese, unindo conhecimentos hauridos na metropole, para o tratamento dos catechumenos, pois nestas terras, eram elles os medicos, enfermeiros e boticarios. Le Page du Pratz, Maurice Rugendas e outros chamaram a attenção para as aptidões chirurgicas dos selvicolas; sendo interessante notar a immobilização por algum tempo dos membros fracturados por meio de talas feitas com cascas de arvores mantidas por ligaduras de cipó, e as massagens manuaes a que submettiam o membro fracturado após a consolidação.

Por instinctiva pratica haviam chegado a conceber que nas inflammações, fariam ceder a doença desde que retirassem certa quantidade de sangue, e para tanto engendraram a fabricação de ventosas feitas de pontas de boi, realizando o vasio pela sucção, após terem sarjado a pelle com aguçado seixo, segundo relata Guilielmus Piso, na sua Medicina Brasiliensi: “Solutæ cucurbitularum apud Americanus usus existit; eaque sunt taurorum parvæ perpolitæ, quibus altera extremitas latissima, altera angustissima parvo meatu constat, quas non igne nec aqua calenti, sed oris suctione, retracta respiratione cuti validissime affigunt reiterant que pro libitu”.

Ainda no mesmo autor encontrei referindo-se ás doenças inflammatorias, em que notavam grande ascensão de temperatura, informes preciosos quanto á phlebotomia, que era praticada com o emprego de diminuto arco armado na extremidade de espinho de tamanho bem calculado, para que não transfixasse o vaso visado. Os littoraneos usavam, para o mesmo fim, de agudissimos dentes de peixe: “Verum dictæ illæ magnæ scarificationes absque encurbitulis, nec attrahendi modo, nec sanguinis quantitate cum Europeorum conveniunt, quippe eæ raro custello, sed spinis arborum nel dentibus pixis lamia profundæ instituuntur, non in malleolis ad veterum normam, aliisque externis membris sicut Egyptii alique solent, sed femoribus, suris, brachiis et omnibus torosis corporis partibus, vulneraque aqua calida irrorant”.

Cuidavam com especial carinho em tornar fortes e ageis as crianças, de sorte a poderem sustentar a vida agreste que levavam, senão tambem em preparar futuros guerreiros para os constantes conflictos entre as diversas tribus. Dentre os meios empregados para este fim, destacava-se a fabricação do mingau, especie de sopa rala, feita pelas mulheres com os intestinos dos prisioneiros immolados após o combate. Hans Staden, em sua Viagem ao Brasil, relata minuciosamente a manipulação deste asqueroso alimento.

Ainda nas cartas anchietanas encontram-se a todo o instante referencias ao estado nosologico desta colonia, tão abandonada, quando não se cuidava de retirar proveitos materiaes a enriquecer os feudatarios.



Resurreição e baptismo do indio Diogo

(Em Santos, pelo anno de 1584)

Conseguiram os jesuitas, em muitos lugares, afastar os curandeiros indigenas, de sorte a inspirar nos selvagens confiança nos meios de cura que empregavam, e é Anchieta, na sua primeira carta, escripta em 1554, na nascente Piratininga, que narra: “Uma criança de quatro ou cinco annos de idade, assaltada de grave enfermidade, rogava muitas vezes em prantos á mãe que a trouxesse ao templo, e a mesma criança, gemendo diante do altar, dizia na sua propria lingua: “Ó Padre cura-me!”.

Esta, interrogada por seu pai, se porventura queria que lhe chamassem aquelle feiticeiro para lhe applicar o remedio, chorando com grandes lagrimas lançou-se por terra, dizendo que, não com o delle, mas com o auxilio de Deus lhe seria restituído

o antigo vigor: o que o mesmo Senhor operou, pois, applicado pelos nossos Irmãos um certo remedio, recobrou a não esperada saúde.

Tal a confiança inspirada pelo irmão José, principalmente ás mulheres, que ficavam admiradas, se não curava elle certos doentes e usando do santo direito de mentir que só aos medicos cabe, era aquelle santo obrigado a mentir para alliviar os miseros soffredores.

“Certa mulher uma vez se admirou de que nós não applicassemos os remedios de que usamos, no curativo de um individuo, atacado de doença contagiosa, que parecia lepra; e tambem porque não tratavamos de lhe restituir a saude, nós que ensinavamos que se devem praticar as obras de misericordia”. Anchieta ante a impossibilidade de cural-os physicamente, ia incu-

tindo-lhes o amor de seu Deus, por cuja gloria viéra aos vinte annos, abandonando patria, familia, fortuna e posição, singrando os mares encapellados, lançar-se no ignoto das florestas verdes desta terra de selvagens.

Elle mesmo, narrando ao padre geral as peripecias da catechese, dizia : . . . “vim com alguns sacerdotes applicar a medicina da alma e do corpo a um enfermo,” . . . Mas porque Anchieta, a quem no pensar de muitos só competiria cuidar da medicina das almas, tambem se aventurava a cuidar da do corpo? Facil será explical-o. Não cuidava ser bastante penoso mortificar-se ensinando a lingua, a religião e arriscando a vida no meio de bugres: era preciso para maior gloria da Virgem Maria, daquella virgem que defendendo-o, inspirára-lhe os quatro mil cento e setenta e dois versos do poema escripto nas areias de Iperoig, um sacrificio maior e este era tratar das repugnantes molestias dos indios. Elle o fez. Foi por amor daquella a quem consubstanciara na dedicatória de seu poema a illimitada veneração :

“En tibi, quæ vovi Mater Santissima, quondan

“Carmina cum sævo cingerer hoste latus.

“Dum mea Tamuias presentia mitigat hostes,

“Tractique tranquillum pacis inermis opus :

“Hic tua materno me gratia fovet amore.

“Te corpus tutum, mensque regente fuit.

“Sæpui optari, Domino inspirante dolores,

“Durate com sævo funere vincia pati.

“At sunt passa tamen meritam mea vota re-
[pulsam.

“Scilicet heroas gloria tanta decet”.

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, baseado em Simão de Vasconcellos, faz-nos a narração fiel do physico precario do grande apostolo do Brasil, em quem só um milagre divino poderia supprir a falta de saude que procurava ministrar aos seus semelhantes . . . “era de baixa estatura, representando ainda na puberdade o aspecto de um velho, por haver deslocado uma das vertebraes em seus actos de devoção de que a principio falei ; summamente magro por effeito de suas macerações, jejum e vigalias a que se entregava; côres morenas e queimadas do sol e do frio; de um exterior que nada promettia, mas dotado de maneiras summamente urbanas; possuindo variados conhecimentos, quantos era possivel adquirir na época em que floresceu, e, havendo observado a efficacia de muitos vegetaes adoptados em diversas enfermidades, foi isto de extraordinario interesse para o curativo dos enfermos das povoações em que se achava, nas quaes não só exercitava os deveres dos missionarios, mas tambem as funcções de medico e de cirurgião”.

Interessante é notar, quanto á medicina selvagem, a semelhança de processos therapeuticos usados pelos indios da America do Norte, facto verificado pelo confronto entre as descripções de Anchieta e dos que por aqui andaram em seu tempo e a narrativa de Chateaubriand, em sua Viagem pela America,

feita duzentos e cincoenta e sete annos depois da chegada ao Brasil do jesuita canarino. Tres periodos de Chateaubriand demonstram á saciedade a semente-lha referida, embora as differenças sensiveis e fundamentaes entre os selvagens da America do Norte e os da do Sul: “Un des grands moyens employés par les sauvages dans beaucoup de maladies, ce sont les bains de vapeur. Ils bâtissent à cet effet une cabane qu'ils appellent la *cabane des sueurs*. Elle est construite avec des branches d'arbres plantées en rond et attachées ensemble par la cime, de manière à former un cône; on les garnit en dehors de peaux de différents animaux: on y ménage une très-petite ouverture pratiquée contre terre, et par laquelle on entre en se traînant sur les genoux et sur les mains. Au milieu de cette étuve est un bassin plein d'eau que l'on fait bouillir en y jetant des cailloux rougis au feu; la vapeur qui s'élève de ce bassin est brûlante, et en moins de quelques minutes le malade se couvre de sueur”.

“La chirurgie n'est pas à beaucoup près aussi avancée que la médecine parmi les Indiens. Cependant ils sont parvenus à suppléer à nos instruments par des inventions ingénieuses. Ils entendent très-bien les bandages applicables aux fractures simples; ils ont des os aussi pointus que des lancettes pour scarifier les membres rhumatisés; ils sucent le sang à l'aide d'une corne, et en tirent la quantité prescrite. Des courges pleines de matières combustibles auxquelles ils mettent le feu leur tiennent lieu de ventouses. Ils ouvrent des ustions avec des nerfs de chevreuil, ils font des siphons avec les vessies des divers animaux”.

“Les principes de la boîte fumigatoire employée quelque temps en Europe, dans le traitement des noyés, sont connus des Indiens. Ils se servent à cet effet d'un large boyau fermé à l'une des extrémités, ouvert à l'autre par un petit tube de bois; on enfle ce boyau avec de la fumée, et l'on fait entrer cette fumée dans les intestins du noyé”.

Raro é o escripto de Anchieta em que não ha referencias ao estado precario dos indios em sua hygidez. Na sua bondade evangelica vae confundindo as curas da alma e as do corpo. Ora são doentes de “calenturas”; mais além, as “camaras de sangue”; seguindo-se terriveis as epidemias de variola que a ninguem poupava, pondo á prova a dedicação inexcedivel de Anchieta e seus companheiros, na Bahia.

Os trabalhos incessantes, causados pelas muitas enfermidades a que tinham de soccorrer, vêm descriptos na duodecima carta: “Este anno nos castigou a Divina Justiça com muitas enfermidades, principalmente com camaras de sangue, que deram maximé nos escravos, de que morreram muitos, e tanto que parecia pestilencia. Dois, tres, quando muito quatro dias duravam com ellas, que não morressem alguns, que outros escapavam. Isto nos tem dado muito trabalho, porque de dia e de noite não cessavamos de os confessar, e acudir com os remedios que podiamos maximé em Piratininga, em que os Irmãos são medicos espirituaes e corporaes, e tudo pende delles, onde não havia casa sem doentes, e em algumas havia tres e quatro, de maneira

que bem se havia mistér, dia e parte da noite, para os sangrar, curar e confessar, e pela mesma diligencia que os Irmãos nisso punham, não morreram alli tantos, como em outras povoações onde isto faltava; morreram muitos sem se confessarem por as povoações serem muitas e nós outros poucos, e não poder acudir a todos”.

São interessantes os relatos de Anchieta, em Iperoig, obrigado a servir de parteiro, em duas ocasiões difficeis, embora a crueza da narrativa seja chocante demais para ser transcripta.

Ainda numa de suas cartas, Anchieta, humildemente, refere-se á confiança que inspirava aos selvagens e as razões disto: “De maneira que os Indios me tinham muito credito, maximé porque eu lhes occorria a suas enfermidades, e como algum enfermava logo me chamavam, aos quaes eu curava a uns com levantar a espinhela, a outros com sangrias e outras curas, segundo requeria sua doença, e com o favor de Christo Nosso Senhor achavam-se bem. Entre esses enfermos foi um que ahi estava dos do Rio, que porventura tambem veio com intenção de me matar, ao qual se inchou uma mão em tal maneira que toda se corrompeu, a qual eu lha abri em duas partes com uma lanceta, e a uma foi quasi em meio da palma, em que podia bem fechar os olhos ás mãos de Christo Nosso Senhor, e junto com isto se lhe empolou o braço até os hombros de umas inflammações tão feias, que os outros não se ousavam de chegar a elle, mas mirando-o de longe, me diziam que o curasse e fizesse não se estendesse aquelle mal pelos outros, e todos o desampararam sem se doer delle, nem dar-lhe de comer, nem houve entre todos seus parentes quem me buscasse um pouco de mel pelos bosques, com que o curasse, e ainda eu lho pagava; eu rompi uma camisa que tinha e curei-o com azeite, buscando-lhe de comer e dando-lhe por minha mão...”

São as cartas de Anchieta o melhor subsidio para o estudo e conhecimento das epidemias que assolaram o Brasil, naquella época, e da carta decima quinta póde-se destacar alguns periodos, sobre grave variola grassante em S. Vicente :

“A principal destas doenças hão sido variolas, as quaes ainda brandas e com as costumadas que não tem perigo e facilmente saram; mas ha outras que é coisa terrivel: cobre-se todo o corpo dos pés á cabeça de uma lepra mortal que parece couro de cação e occupa logo a garganta por dentro e a lingua, de maneira que com muita difficuldade se podem confessar e em tres, quatro dias morrem; outros que vivem, mas fendendo-se todos e quebra-se-lhes a carne pedaço a pedaço com tanta podridão de materia, que sahe delles um terrivel fedor, de maneira que acodem-lhes as moscas como á carne morta e apodrecida sobre elles e lhe põem gusanos que se, não lhes soccorressem, vivos os comeriam. Eu me achei em Piratininga um pouco de tempo, onde fui mandado depois que vim dentre os Tamujás, a visitar nossos discipulos, os quaes me desejavam lá muito, porque me têm por bom cirurgião; alli se encrueleceu muito esta enfermidade, de maneira que em

breve espaço morreram muitos e a maior parte foram meninos innocentes, de que cada dia morriam tres, quatro, e ás vezes mais, que para povoação tão pequena foi boa renda para Nosso Senhor; dos adultos morreram alguns dos baptizados *in-ultimis* e os que já o eram com grandes signaes de fé e contricção, invocando sempre o nome de Jesus; dava em as mulheres pejudas, e morriam ellas e os filhos, os quaes se baptisavam, salvo um, que, porque nasceu sem nariz e com não sei que outras enfermidades, o mandou logo um irmão de seu pai enterrar sem nol-o fazer saber, que assim fazem a todos os que nascem com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum coxo, torto ou mudo nesta nação”.

“Assás de trabalho e occupação tive alli, como sempre, acudindo a todos, sangrando dez, doze cada dia, que esta é a melhor medicina que achamos para aquella enfermidade, e era necessario correr suas casas cada dia uma e mais vezes, a buscar delles que, ainda que passeis por suas casas, se não a revolveis toda e perguntais por cada pessoa em particular, não vos hão de dizer que estão enfermos. E o melhor é que em pago destas boas obras, alguns delles, como são de baixo e rude entendimento, diziam que as sangrias os matavam, e escondiam-se de nós outros, e mandando fazer umas covas longas á maneira de sepulturas, e depois de bem quentes com muito fogo, deixando-as cheias de brazas e atravessando paus por cima e muitas hervas, se estendiam alli tão cobertos de ar e tão vestidos como elles andam, e se assavam, os quaes commumente depois morriam, e suas carnes, assim com aquelle fogo exterior como com o interior da febre, pareciam assadas. Tres destes que achei revolvendo as casas como sempre fazia, que se começavam a assar, e levantando-os por força do fogo, os sangrei e sararam pela bondade de Deus. A outros que daquelle pestilencial mal estavam muito mal lhes esfolei parte das pernas e quasi todos os pés, cortando-lhes a pelle corrupta com uma thesoura, ficando em carne viva, coisa lastimosa de ver, e lavando-lhes aquella corrupção com agua quente, com o que pela bondade do Senhor sararam; de um em especial se me recorda que com as grandes dores não fazia senão gritar, e gastando já todo o corpo, estava em ponto de morte, sem saber seus pais que lhe fazer, senão chorar-lhe, o qual, como lhe cortamos com uma thesoura toda aquella corrupção dos pés, e os deixamos esfolados, logo começou a se dar bem e cobrou a saude”.

Mas, não pararia ahi a obra anchietana relativa á medicina no Brasil. Era preciso algo de mais duradouro, a perpetuar-lhe o amor pela cura dos corpos em conjuncção á das almas, fundido num só o culto destas duas sciencias tão dissemelhantes na apparencia e tão iguaes em seus fins.

Anchieta não sabia onde terminava o sacerdote e onde principiava o medico. Eram os dois perfeitamente fundidos em seu espirito bem formado, que não podia conceber um espirito são em um corpo devastado pela doença. Prototypo de sacerdote e de medico, arrastava seu fragil corpo através das florestas virgens e dos rios caudalosos para levar allivio aos indigenas tão perseguidos pela cubiça dos colonizadores, soffrendo com os males alheios, pois esquecia-se dos proprios.

Achando-se, na qualidade de provincial da Ordem, no Rio de Janeiro, quiz a providencia divina que executasse a mais duradoura e benemerita de todas as suas obras. Deu-lhe azo a isto o ter aportado no Rio de Janeiro a armada de Diogo Flores de Baldez, pejada de enfermos, accumulados em dezesseis náus, varias centenas de homens sem conforto e hygiene, em demanda do estreito de Magalhães a assegurar os direitos de Phillippe II, de Hespanha.

Data desta occasião a fundação do Hospital da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, que, em seus trezentos e cincoenta e dois annos de existencia fecunda, tem sido o campo de apprendizado de todos os medicos do Brasil, e a casa onde, sem distincção de raças, côres ou religiões, são acolhidos os miseraveis soffredores, carecentes de saude do corpo e conforto aos espiritos alquebrados pelos embates da existencia menos feliz.

Alguns quizeram tirar a Anchieta a Gloria da fundação do Hospital, mas a critica pulverisante de José Vieira Fazenda, o insigne chronista desta cidade, e os depoimentos de Simão de Vasconcellos, frei Vicente do Salvador e frei Agostinho de Santa Maria, esclareceram sobejamente este grande acto da vida de José de Anchieta.

Diz Simão de Vasconcellos o seguinte: “Por este tempo e principio do anno de 1582, aportou á cidade do Rio de Janeiro a armada de Diogo Flores Baldez, que constava de dezesseis velas. Foi esta armada áquella cidade causa de grande temor, mas a José causa de novas maravilhas. Appareceu de repente não esperada, defronte da barra, uma legua ao mar, lançando ahi ferro. Perturbaram-se os moradores; não tinham noticias que de Portugal ou d’outra parte houvesse, naquelles mares, numero de velas tão excessivo ao poder de terra.

“Julgaram que eram inimigas, e cuidava cada qual dos cidadãos de como havia de pôr em côbro suas coisas: tudo era confusão e espanto. Á imitação dos demais começavam tambem os padres do Collegio a pôr em salvo as coisas sagradas da igreja. Porém, José, com seu alto espirito, fez socegar a todos e disse: “Ninguem se perturbe, aquella armada não é inimiga”; e, olhando do alto de uma janella, donde se descobria, accrescentou: “Antes, aquellas náus vos trazem um homem, grande official de carpinteiro, que ha de entrar em nossa Companhia e nella ha de fazer grandes serviços á Religião e grande augmento de virtudes”.

“Ao dicto de José ficou em socego a cidade, todos esperavam occasião e souberam que era a armada castelhana de tres mil hespanhoes, com que el-rei dom Phillippe II mandava assegurar o estreito de Magalhães e vinha por general della Diogo Flores Baldez, homem de grandes partes. Foi recebida com igual alegria á grande perturbação passada, e veio lançar ferro no porto ordinario com paz e amigavel confraternidade.

“Aqui se viu o grande espirito de caridade de José. Trazia esta armada muitos doentes necessitados da demora e contrastes da longa viagem; deu

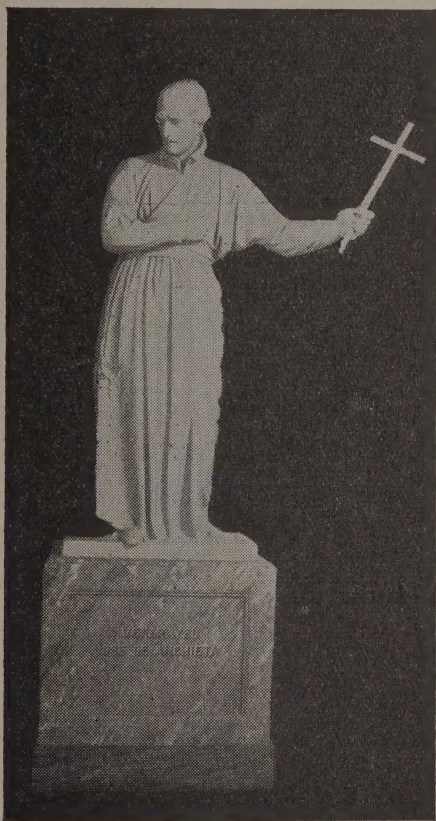
traça com que se lhes assignalasse casa de hospital que até então não havia naquella cidade; a esta fez trazer os doentes e destinou os religiosos para servil-os e assistir ás suas curas com cirurgião, medico e todo o necessario com grande despesa do Collegio; e para os sãos, pobres e necessitados, man-

dava dar todos os dias, na portaria, uma arroba de carne ou peixe, com toda a farinha necessaria para quantos viessem, e andava o mesmo padre volante pelas casas dos que necessitavam e não podiam vir á portaria e lhes tirava esmolos particulares, consolando com as suas palavras a todos em terra extranha”.

No “Santuario Mariano”, de frei Agostinho de Santa Maria, tambem se podem ler entre outros informes referentes á fundação do principal hospital brasileiro, as linhas a seguir :

“Pelos annos de 1582 se entende teve principio a Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes : porque neste anno chegou áquelle porto uma armada de Castella, que constava de dezeseis náus, em que iam tres mil hespanhoes mandados por Philippe II de Hespanha e I de Portugal assegurar o estreito de Magalhães, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes padeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente e assim chegou ao Rio de Janeiro bem necessitada de remedio e de agasalho Achava-se naquella cidade o veneravel padre José de Anchieta visitando o Collegio, que alli tem a Companhia, fundado no anno de 1567. Como o veneravel

padre José de Anchieta era varão santo, levado da Caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos; para o que destinou alguns religiosos e assistindo tambem elle ao mais com as medicinas, medico e cirurgião”.



“Sob o braço estendido de Anchieta, empunhando a cruz do christianismo, passam ha oitenta annos, diariamente, todos os que vão procurar naquele templo de caridade (a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro) a saude e o allivio de seus males”

Na “Informação do Brasil e de suas capitanias”, escripta em 1584 pelo provincial Anchieta, por ser inherente ao cargo exercido, refere-se á Santa Casa, de criação sua ou de sua collaboração: “Em todas as capitanias ha casas de Misericordia, que servem de hospitaes, edificadas e sustentadas pelos moradores da terra com muita devoção, em que se dão muitas esmolas, assim, em vida como em morte, e se casam muitas orphãs, curam os enfermos de toda sorte e fazem outras obras pias, conforme o seu instituto e a possibilidade de cada uma e anda o regimen dellas nos principaes da terra”.

José Clemente Pereira, o grande provedor da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, quando da inauguração do Hospital Novo, mandou que se fizessem duas estatuas a ornar a entrada do sumptuoso edificio: uma de frei Miguel de Contreiras, o instituidor das Santas Casas, e outra do veneravel padre Anchieta, o fundador da do Rio de Janeiro.

Sob o braço estendido de Anchieta, empunhando a cruz do christianismo, passam ha oitenta annos, diariamente, todos os que vão procurar naquelle templo de caridade a saude e o allivio de seus males, confundidos com os que na faina do saber vão junto dos leitos do soffrimento aprender a curar os infelizes a exemplo do Santo do Brasil, que parece abençoal-os na passagem.

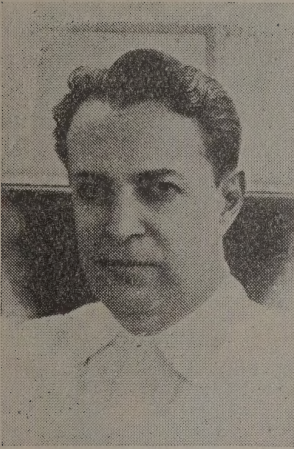
Rio de Janeiro, 14 de Março de 1934.

Luiz Felipe Vieira Souto.

NOTA BIOGRAFICA

SÔBRE O SR.

DR. JAYME POGGI



Dr. JAYME POGGI

Em 1909 doutourou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e desde então vem se destacando no mundo científico, por sua ação e dedicação em prol da ciência.

Com brilhantismo desempenhou diversas funções; assim, foi interno da Maternidade das Laranjeiras e auxiliar, por concurso, da profilaxia contra a febre amarela. Foi o organizador e primeiro médico interno do Serviço de Cirurgia do Pronto Socorro, no Hospital de Caridade de Pelotas; cirurgião da Santa Casa em Jaguarão, ambas no Estado do Rio Grande do Sul. Foi assistente do Serviço de ginecologia do Hospital Nossa Senhora da Saúde (Gambôa), nesta capital. Fundou o atual Sanatório São Geraldo, que antes lhe trazia o nome, na Rua Marquês de Abrantes, nesta capital. É fundador e cirurgião chefe, do Serviço de Cirurgia Geral e Ginecologia, do Hospital São João Batista da Lagôa, sendo daí destacado para chefe da 22.^a Enfermaria. É o atual diretor do Hospital Geral da Santa Casa, desta capital, onde sucedeu á respeitável individualidade médica e profissional que foi o saudoso Dr. Arthur Rocha. É membro do Conselho Deliberativo e da Comissão Executiva do Sindicato Médico Brasileiro, sendo portanto um dos diretores desta entidade. É membro do American College of Surgeons, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Na ansia de maiores conhecimentos e de campo mais amplo, viajou por toda a Europa, onde frequentou serviços hospitalares em Paris, Viena, Berlim, etc., e pelos Estados Unidos, em New York, Chicago, Filadelfia, Rochester, Baltimore, etc.

É autor de mais de 35 trabalhos científicos, de reputado valor e real mérito.

Destacam-se entre as suas multiplas produções, pela sua projeção e cunho pessoal característico, as seguintes :

“Da Liberdade Profissional”, tese que apresentou ao 1.^o Congresso Médico Sindicalista.

“O Tratamento Cirúrgico do Cancer do Utero, pelo processo Werthein-Bumm”, tese de doutoramento.

“Noções de Cirurgia Plastica”, publicado na “Folha Médica”.

“Auto-plastia da aza do nariz”, publicado na “Folha Médica”.

Fez diversas conferências brilhantes, como a realizada no Salão de Honra da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sobre “Segredos da Cavidade Abdominal”; a realizada por ocasião da Quinzena médica, na Sede do Sindicato Médico Brasileiro, sobre a “Oportunidade das intervenções na apendicite”, etc.

Tem ainda um sem número de trabalhos científicos, publicados em revistas, opusculos, jornais médicos, etc.

É, portanto, e fóra de dúvida, o Sr. Dr. Jayme Poggi, uma figura de acentuado relêvo na medicina e na cirurgia do Brasil contemporaneo.

O quarto centenario do nascimento do Padre José de Anchieta

PELO

DR. JAYME POGGI

Nascido em 1533 na Ilha de Tenerife, o grande educador que foi Anchieta ordenou-se no Collegio ecclesiastico de Coimbra, chegando á Bahia com vinte annos de idade.

Vir para o Brasil naquella época, Brasil de Indios e de florestas, sujeito que se ficava a uma longa, penosa e incerta travessia, era só por si missão de grande risco e maximo sacrificio.

Anchieta empreendeu essa travessia na primavera da vida e o fez ligando para sempre ao Brasil o seu nome.

A' sua personalidade de uma profunda complexidade, alliava os dons de perfeito educador e de extraordinario chefe de catechese.

A vida desse apostolo do bem decorreu sempre em meio de accidentes que elle não provocava, mas tambem que não o faziam recuar, arriscasse embora a sua propria existencia.

Quando viajava para o Brasil, o navio que o trouxe soffreu tão grandes avarias, na altura dos Abrolhos, que com difficuldade salvaram-se passageiros e tripulantes. Foi assim a sua chegada á nossa terra. Professor de latim e de grammatica, Anchieta applicou-se com tanto afinco ao estudo da lingua tupy que ao cabo de seis mezes dominava o idioma no qual transformou varias feras humanas que eram os Tamoyos em amigos fieis e christãos fervorosos.

Quando os francezes foram batidos, pela primeira vez, por Mem de Sá, na bahia de Guanabara, os Tamoyos correram para o litoral para se alliarem áquelles invasores. Prepararam-se para um ataque tão encarniçado contra os portuguezes que tudo fazia prever a sua completa victoria.

Nessa phase memoravel do Brasil Colonia, Anchieta, o professor, transformou-se em Embaixador de paz e, em companhia do Padre Nobrega, partiu numa canôa em demanda a S. Vicente.

Esse grande missionario, com o seu companheiro, dirigiu-se ao reducto dos terriveis Tamoyos. Não levou armas! Não dispunha de exercito que o garantisse! Na mão esquerda, porém, elle, com o Padre Nobrega, empunhavam a cruz, esse symbolo de fé e do soffrimento de Jesus de Nazareth. Anchieta levava ainda a palavra convincente e milagrosa de um grande tribuno sacro que fôra. Falára áquellas feras, que de humano só tinham o aspecto, linguagem que elles nunca ouviram.

Despertára nelles a noção do que era coração e do que era o amor ao proximo e fel-os assim renunciar á guerra e á devastação para acceitarem a paz.

Anchieta passou no meio dessas tribus de selvagens 5 mezes e quando regressou ao litoral teve como pagem fiel o terrivel anthropophago *Cunhambebe* que já havia devorado centenas de pessoas.

Anchieta foi no Brasil o emulo da obra de Frei Miguel Contreiras, o fundador da primeira Santa Casa de Lisboa.

E' por isso que na majestosa entrada da nossa Grande Instituição de Caridade vêem-se as estatuas de ambos no amplo *hall* do hospital.



Fr. MIGUEL DE CONTREIRAS

Foi em 1582 que a pequenina cidade de São Sebastião despertou estarrecida com uma então grande frota composta de 16 velas, ancorada na nossa bahia. Administração e povo cuidaram, na confusão do susto que experimentavam, que essa esquadra vinha atacar a colonia.

Ouvida a palavra do grande Missionario, soube-se então que a frota era commandada por Diogo Flôres Baldez e enviada por El-Rei Dom Philippe II, que mandára assegurar e defender o estreito de Magalhães. Essa esquadra soffreu tão rudemente durante a travessia, que grande parte da tripulação chegára enferma ao nosso paiz.

Era necessario hospitalizar esses doentes, e foi então quando aquelle homem que fôra Anchieta, na apparencia fraco, aquelle homem pobre, mas que tinha o poder de convencer pela palavra e que na realidade era um forte, — levantou as tendas que abrigaram tão numerosos enfermos! Foi essa a cellula do organismo hospitalar que o notavel provedor José Clemente Pereira, ha cerca de cem annos, transformou nesse bello templo, modelo de solidez e de

architectura, que é a Santa Casa da Misericordia desta Capital.

Não se pôde na nossa terra falar em caridade sem que seja lembrado com respeito e gratidão o nome de José de Anchieta.

E ahi está porque, no momento em que se festeja o 4.º centenario do grande apostolo do bem, o director do Hospital Geral da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro rende a modesta homenagem destas linhas.

Rio, 17 de Março de 1934

Jayme Poggi.

Trechos de uma carta do Padre José de Anchieta, de Maio de 1560, descrevendo as cousas naturais da Capitania de São Vicente.

«
Ha um certo peixe, a que chamamos *boi marinho*, os Indios o denominam *iguaraguâ*, frequente na capitania do Espirito Santo e em outras localidades para o Norte, onde o frio ou não é tão rigoroso, ou é algum tanto diminuto e menos que entre nós; é êste peixe de um tamanho imenso; alimenta-se de ervas como o indicam as gramas mastigadas prêsas nas rochas banhadas por mangues. Excede ao boi na corpulencia; é coberto de uma péle dura, assemelhando-se na côr á do elefante; tem junto aos peitos uns como dois braços, com que nada, e embaixo deles tâtas com que aleita os proprios filhos; tem a bôca inteiramente semelhante á do boi. É excelente para comer-se; não saberias, porém, discernir se deve ser considerado como carne ou antes como peixe: da sua gordura, que está inerente á péle e mórmente em tôrno da cauda, levada ao fogo faz-se um mólho, que pode bem comparar-se á manteiga, e não sei se a excederá; o seu oleo serve para temperar todas as comidas: todo o seu corpo é cheio de ossos solidos e durissimos, tais que podem fazer as vezes de marfim.

.....
Encontram-se no interior das terras cobras a que os Indios denominam *sucuriúba*, de maravilhoso tamanho: vivem quasi sempre nos rios, onde apanham para comer os animais terrestres, que a miudo os atravessam a nado; saem, porém, ás vezes para a terra e os acometem nos atalhos, em que costumam correr daqui para ali. Não é facil acreditar-se na extraordinaria corpulencia destas cobras; engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos: alguns de nossos irmãos o viram com espanto, e até um deles, vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio. Dizem que não têm dentes e só se enroscam nos animais, matam-n'os, introduzindo-lhes a cauda pelo anus, e, triturando-os com a bôca, os devoram inteiros. A êste respeito contarei cousas estupendas e não

sei se serão críveis; mas, tanto os Índios como os Portuguezes que passaram muitos anos de sua vida nesta parte do globo, *uno ore* as afirmam. Estas cobras engolem, como disse, certos animais grandes, que os Índios chamam *tapiiara*, de que tratarei ao diante; como porém o seu estomago não os pode digerir, caem por terra como mortas, sem poderem mover-se, até que apodreça o ventre juntamente com a comida: então, as aves de rapina rasgam-lhes a barriga e a devoram toda com o seu conteúdo; depois a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar-se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele, e volta á antiga fôrma.

Ha igualmente lagartos que vivem do mesmo modo em rios, e a que chamam *jacaré*. São êstes animais de excessiva corpulencia, de modo que podem engulir um homem; cobertos de escamas durissimas e armados de agudissimos dentes; passam a vida na agua; ás vezes sobem até as ribanceiras, onde acontece serem mortos enquanto dormem, não todavia sem bastante custo e perigo, como succede com o elefante. As suas carnes, que são boas de comer-se, cheiram a almiscar, maximé nos testiculos, que é onde está a maior força do cheiro.

Ha tambem outros animais do genero anfíbio, chamados *capivárã*, isto é, “que pastam ervas”, pouco diferentes dos porcos, de côr um tanto ruiva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos nas mandibulas e outros no meio do céu da bôca; não têm cauda; comem ervas, donde lhes provém o nome; são proprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães: saem para pastar e voltam para casa por si mesmos.

Ha muitas lontras, que vivem nos rios; das suas peles, cujos os pêlos são muito macios, fazem-se cintos. Ha tambem outros animais, quasi do mesmo genero, designados, no entanto, por nome diverso entre os Índios e que têm identico uso. Ha pouco tempo, tendo um Indio atravessado com a flecha a um deles e saltando na agua para apanhá-lo, appareceu uma multidão de outros que estavam debaixo dagua, acometeram-no com unhas e dentes, de tal maneira, que, trazendo com dificuldade o que havia morto, saiu quasi em pedaços, e passaram-se muitos dias primeiro que lhe sarassem as feridas. Estes animais são quasi pretos, pouco maiores que os gatos, munidos de dentes e unhas agudissimas.

Seria fastidioso referir os generos dos caranguejos, e suas variedades e diversas fôrmas. Deixo de falar dos que são terrestres, que vivem em cavernas subterraneas, que para si mesmos cavam; em toda parte são frequentes, exceto entre nós; de côr verde-mar e muito maiores do que os aquaticos. Alguns dos aquaticos estão sempre debaixo dagua: a natureza deu-lhes os ultimos braços planos, proprios para nadar; os mais, cavam cavernas para si nos braços de mar (mangues); dêstes, alguns têm as pernas vermelhas e o corpo negro; outros são um tanto azulados e cheios de pêlos; outros ainda têm duas cabeças, uma quasi do tamanho do corpo todo e outra proporcional a êste.

O “cancro” (que é aí de tão difícil cura) é facilmente curado aqui pelos Indios. Dão a essa doença o mesmo nome que entre nós; curam-n’a, porém, dêste modo : aquecem ao fogo um pouco de barro bem amassado, com que se fazem vasos, e, tão quente quanto a carne possa suportar, o



Desembarcando no Rio de Janeiro com os fundadores
da cidade

(18 de Janeiro de 1567)

aplicam aos braços do cancro, os quais morrem pouco a pouco, e tantas vezes repetem êste curativo até que, mortas as pernas, o cancro se solta e cai por si. Isto foi ha pouco provado com experiencia em uma escrava dos Portugueses, a qual sofria desta doença.

Até aqui tenho falado dos animais que vivem na agua; tratarei agora dos terrestres, alguns dos quais são desconhecidos dessa parte do mundo. Primeiramente direi das diversas especies de cobras venenosas.

Algumas chamadas *jara-racas*, abundam nos campos, nas matas e até mesmo nas casas, onde muitas vezes as encontramos: a sua mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, posto que se lhe possa aplicar remédio e evitar algumas vezes a morte. Isto acontece com certeza entre os Indios: se forem mordidos uma só vez e escapam á morte, mordidos daí por

diante, não só não correm risco de vida, como sentem até menos dôr, o que tivemos mais de uma vez ocasião de observar.

A outra variedade denominam *bóicininga*, que quer dizer, “cobra que tine”, porque tem na cauda uma especie de chocalho, com o qual sôa quando assalta alguém. Vivem nos campos, em buracos subterraneos; quando estão ocupadas na procreação atacam a gente; andam pela grama em

saltos tão apressados, que os Indios dizem que elas voam; uma só vez que mordam, não ha mais remédio: paralisam-se a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo, ficando, sómente, a dôr e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que no fim de vinte e quatro horas se expira.

Entretanto, quasi todos os Indios torram ao fogo e comem dessas cobras e de outras, depois de lhes tirarem a cabeça; assim como tambem não poupam aos sapos, lagartos, ratos e outros animais dêsse genero.

Ha tambem outras admiravelmente pintadas de várias côres, de preto, de branco, de encarnado semelhante ao coral, as quais os Indios apelidam *ibibobóca*, isto é, “terra cavada”, porque elas no rojarem fendem a terra á maneira de toupeiras; estas são as mais venenosas de todas, porém mais raras.

Ha tambem outras, que são denominadas pelos Indios *bóiguatiára*, isto é “cobras pintadas”, por causa das suas diversas variedades de pintura; estas são igualmente mortíferas.

Ha tambem outras quasi semelhantes, chamadas *jararáca* e tambem *bóipeba*, isto é “cobras chatas”, porque, quando feridas, contraem-se e ficam mais largas; a mordedura dessas é tambem mortal.

Ha ainda outras, que se chamam *bóiroiçanga*, isto é, “cobras frias”, porque a sua mordedura comunica aos corpos um grande frio; estas, conquanto maiores do que as outras, são menos venenosas (por isso que não causam a morte); têm toda a bôca armada de dentes agudos, o que não se dá com as outras, pois as outras têm apenas quatro dentes curvos, tão subteis e occultos que, si não se observar com cuidado, poder-se-há supor que os não têm: neles é que está a peçonha.

Todas estas, porém, exceto as que são venenosas, das quais ha, não só grande cópia, mas tambem grande diversidade, são tão frequentes, que não se póde viajar sem grande perigo: vimos cães, porcos e outros animais sobreviverem quando muito seis ou sete horas á mordedura delas. Não raro temos caído em semelhantes perigos, tendo-as encontrado muitas vezes pelos caminhos de um lado para outro em alguns povoados, a que nos tem chamado o nosso dever. Uma vez, voltando eu para Piratininga de certa povoação de Portugueses, para onde a obediencia me fizera ir com outro irmão a ensinar a doutrina, encontrei uma cobra enroscada no caminho; fazendo primeiramente o sinal da cruz, bati-lhe com o bastão e matei-a. Pouco depois começaram três ou quatro pequenos filhos a andar pelo chão; e, admirando-nos de onde aquelas que antes não apareciam, tinham saído tão de repente, eis que começaram a sair outras do ventre materno: e sacudindo eu o cadaver, apareceram outros filhos ainda, em número de onze, todos animados e já perfeitos, exceto dois. Ouvi tambem contar, por pessoas dignas de crédito, de uma outra em cujo o ventre foram encon-

tradas mais de quarenta. Todavia, no meio de uma multidão tão grande e frequente delas, o Senhor nos conserva incolumes; e confiamos mais nele do que em contra-veneno ou poder algum humano; só descansamos em Jesus, Senhor nosso, que é o unico que póde fazer com que nenhum mal soframos, andando assim por cima de serpentes.

Ha tambem outras como pequenos escorpiões, que habitam em certos montes de terra feitos pelas formigas: a estas chamam os Indios *bóiquiba*, isto é, “cobras de pés pequenos”, piolhos de cobras; são vermelhas, pouco maiores que aranhas: têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha tambem curva, com que ferem. Não matam, mas incomodam extraordinariamente, de maneira que a dôr que produzem não passa antes de vinte e quatro horas.

.....

O que direi das aranhas, cuja multidão não tem conta? Umas são um pouco ruivas, outras côr de terra, outras pintadas, todas cabeludas; julgarias que são caranguejos, tal é o tamanho do seu corpo: são horriveis de ver-se, de maneira que só a sua vista parece trazer diante de si veneno.

Um certo animalejo do genero dos vespões, inimigo destas, persegue-as encarniçadamente, mata-as com o ferrão, leva-as para pequenos buracos que cava para si, e aí as come.

Ha aqui umas aranhas de genero diverso, tendo tambem um nome diferente do destas, e que exalam muito mau cheiro: são frias por natureza, não saem das casas, senão quando o sol está muito ardente; por essa razão os que bebem delas, pois as mulheres brasileiras muitas vezes soem preparar bebidas envenenadas, são acometidos de um excessivo frio e tremor; para isso o vinho é excelente remédio.

Ha outro bichinho quasi semelhante á centopeia, todo coberto de pêlos, feio de ver-se, de que ha vários generos; diferem entre si na côr e no nome, tendo todos a mesma fórma. Se alguns deles tocarem no corpo de alguem, causam uma grande dôr que dura muitas horas; os pêlos de outros (que são compridos e pretos, de cabeça vermelha) são venenosos e provocam desejos libidinosos.

.....

Encontram-se tambem entre nós as panteras, das quais ha duas variedades: umas são côr de veado, menores essas e mais bravias; outras são malhadas e pintadas de várias côres: destas encontram-se em todos os logares; os machos, pelo menos, excedem no tamanho a um carneiro, embora grande, pois as femeas são menores; são em tudo semelhantes aos gatos e boas para se comerem, o que experimentámos algumas vezes; são de ordinario medrosas e acometem pela retaguarda; dotadas, porém, de grande

fôrça, com um só golpe das unhas ou uma dentada dilaceram tudo quanto apanham; escondem as prêsas debaixo da terra, segundo afirmam os Indios, e aí as vão comendo até consumirem. São de extrema ferocidade, o que, conquanto possa ser comprovado por muitos fatos...

.....

Existem aqui também outros animais (querem que sejam leões), do mesmo modo ferozes, porém mais raros.

Ha também outro animal de feio aspecto, a que os Indios chamam *tamandua*. Avantaja-se no tamanho ao maior cão, mas tem as pernas curtas e levanta-se pouco do chão; é, por isso, vagaroso, podendo ser vencido pelo homem na carreira. As suas cerdas, que são negras entremeiadas de cinzento, são mais rijas e compridas que as do porco, maximé na cauda, que é provida de cerdas compridas, umas dispostas de cima a baixo, outras transversalmente, com as quais não só recebe, como rechassa os golpes das armas; é coberto de uma pele tão dura que é difficil de se atravessar pelas flechas; a do ventre é mais mole. Tem o pescoço comprido e fino; cabeça pequena e muito desproporcionada ao tamanho do corpo; bôca redonda, tendo a medida de um ou, quando muito, dois aneis; a lingua distendida tem o comprimento de tres palmos só na porção que pôde sair fóra da bôca, sem contar a que fica para dentro (que eu medi), a qual costuma, pondo-a para fóra, estender nas covas das formigas, e, logo que estas a enchem de todos os lados, ele a recolhe para dentro da bôca, e esta é a sua refeição ordinaria: admira como tamanho animal com tão pouca comida se alimente. As patas dianteiras são robustissimas, de grande grossura, quasi iguais á coxa de um homem, as quais são armadas de unhas muito duras, uma das quais principalmente excede em comprimento ás de todas as demais fêras; não faz mal a ninguem, senão em sua defesa propria: quando acontece ser atacado pelos outros animais senta-se e, com as patas dianteiras levantadas, espera o ataque, de um só golpe penetra-lhes as entranhas e mata-os. E' saborosissimo; dirias que é carne de vaca, sendo todavia mais mole e macia.

.....

Ha outro animal, bastante frequente, proprio para se comer, chamado pelos Indios *tapiira* e pelos espanhois "anta"; julgo que é o que em latim se chama "alce".

E' uma féra semelhante á mula, um pouco mais curta de pernas; tem os pés divididos em três partes; a parte superior do beijo é muito proeminente: de côr entre a do camelo e a do veado, tendendo para o preto. Levanta-se-lhe pelo pescoço, em vez de crinas, um musculo desde as cruces até a cabeça, com o qual, como é um tanto mais alto, arma toda a frente e abre caminho por espessos bosques, separando os ramos daqui e dali. Tem a cauda muito curta, desprovida de crinas; dá um grande assobio em vez de grito; de dia dorme e descansa, de noite, corre de um

lado para outro ; nutre-se de diversos frutos, e, quando não os ha, come as cascas das árvores, ou lança-se ao rio e fica por muito tempo debaixo d'agua ; por isso vive quasi sempre perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma cavar a terra e comer barro.

Do seu couro, endurecido apenas pelo sol, os Indios fabricam broqueis, completamente impenetraveis ás flechas.

.....

Ha outro animal, que os Indios chamam *aig* e nós “preguiça”, por causa da sua excessiva lentidão em mover-se ; na verdade preguiçoso, pois é mais vagaroso que um caracol ; tem o corpo grande, côr de cinza ; a sua cara parece assemelhar-se alguma cousa ao rosto de uma mulher ; tem os braços compridos, munidos de unhas tambem compridas e curvas, com que o dotou a natureza para poder trepar em certas árvores, no que gasta uma bôa parte do dia, e alimenta-se das suas folhas e rebentos : não se pôde dizer, ao certo, quanto tempo leva em mover um braço ; tendo, porém, subido, ali se demora finalmente, até que consuma a árvore toda ; passa depois para outra, algumas vezes tambem antes de chegar ao cume ; com tanta tenacidade se agarra no meio da árvore, com as unhas, que não se pôde arrancá-lo dali, senão cortando-lhe os braços.

.....

Ha tambem outro, semelhante a uma raposa pequena, e ao qual os Indios chamam *sariguéa*, que exala muito mau cheiro e gosta muito de comer galinhas ; tem na parte inferior da barriga uma especie de sacco dividido de cima a baixo, em que estão escondidos os seios, e entrando para ele os filhos quando os pare, agarra cada um em sua teta e dali não saem até que, não precisando mais do auxilio materno, possam ficar em pé e andar por si ; mas antes, depois da morte da mãe, só com muita difficuldade podem ser arrancados vivos de suas tetas. Já matámos muitas, e, entre elas, uma com sete filhos encerrados na mencionada bolsa.

.....

Existem tambem certos pequenos animais do genero dos ouriços, cobertos de cerdas compridas e mui agudas, pela maior parte sôbre o palido, pretas na ponta, as quais, se tocarem em alguma cousa, principalmente carne, entram pouco a pouco por si, sem ninguem as empurrar ; as mulheres brasilicas costumam servir-se delas para furarem as orelhas, sem sentirem dôr. Eu vi um couro dobrado, de não pequena grossura, transpassado de lado a lado, no espaço de uma noite, por uma cerda, dêsse modo introduzida por si mesma.

.....

Ha uma infinita multidão de macacos, dos quais se contam quatro

variedades, todas elas mui proprias para se comer, o que muitas vezes provámos; é comida mui saudavel para doentes.

Vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cumes das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem passar desta árvore para aquella, que é maior, o chefe da tropa, curvando um ramo, que ele segura com a cauda e com os pés, e segurando outro macaco com as mãos, dá caminho aos restantes, fazendo uma especie de ponte, e assim passam com facilidade todos.

As femeas têm mamas como as mulheres; os filhos pequenos, agarrados sempre ás costas e ombros das mães, correm daqui para ali, até que possam andar sózinhos. Contam-se deles cousas maravilhosas, que omito por incríveis.

.....

Existe tambem outro animal muito comum entro nós, chamam-n'o *tatú*, que habita pelos campos em covas subterraneas, e que é quasi semelhante aos lagartos pela cauda e cabeça. Tem o corpo todo coberto, da parte de cima, por uma concha muito dura, impenetravel ás flechas, semelhante á armadura de um cavalo.

Cava com muita velocidade a terra para se esconder; quando se mete em sua toca, se não lhe arrancares a perna, debalde te cansarás em puxa-lo para fóra: agarra-se á terra com as conchas e os pés com tanta força, que, embora lhe segures a cauda, mais facil será destacar-se esta do corpo, do que a ele da cova; é de delicioso sabor.

.....

Dois generos ha de veados; uns, como os nossos de chifres; êstes, são, porém, raros; outros, de côr branca, sem chifres, e que nunca entram nos matos, antes pastam sempre em magotes pelas planicies.

.....

Ha abundante multidão de gatos montêses muito ligeiros, de gamos, de javalis, dos quais ha varias especies.

Longe daqui, no interior da terra, para os lados do Perú, a que chamam Nova Espanha, ha umas ovelhas selvagens, iguais ás vacas no tamanho, cobertas de lã branca e linda, das quais se servem os Indios para levar e trazer cargas, como jumentos. Um dos nossos Irmãos, que andou muito tempo por aqueles lugares, afirma que, não só vira comer, mas tambem comêra da carne delas. Trata-se largamente dessas ovelhas nas cronicas do Perú, vulgarmente escritas em espanhol.

.....

Nascem entre as taquaras certos bichos roliços e compridos, todos brancos, da grossura de um dedo, aos quais os Indios chamam *rabú*, e

costumam comer assados e torrados. Ha-os em tão grande porção, indistintamente amontoados, que fazem com eles um guizado que em nada difere da carne de porco estufada; serve não só para amolecer o couro, mas também para comer-se. Dêstes insetos, uns se tornam borboletas, outros saem ratos, que constroem a sua habitação debaixo das mesmas taquaras, outros porém se transformam em lagartas, que roçam as ervas.

.....

Encontram-se muitos outros animais de diversos generos, que entendi dever omitir, por não serem dignos de saber-se, nem de contar-se.

Seria muito difficil representar por palavras as diversas especies de formigas, das quais ha várias naturezas e nomes; o que, di-lo-ei de passagem, é muito usual na lingua brasilica, por isso que dão diversos nomes ás diversas especies e raras vezes os generos são conhecidos por uma denominação propria; assim, não ha nome generico da formiga, do caranguejo, do rato e de muitos outros animais; das especies, porém, que são quasi infinitas, nenhuma deixa de ter o seu nome proprio, de maneira que com razão te admirarias de tão grande cópia e variedade de palavras. No entanto, das formigas só parecem dignas de comemoração as que destroem as árvores; estas são chamadas *içá*; são um tanto ruivas; trituradas cheiram a limão; cavam para si grandes casas debaixo da terra. Na primavera, isto é, em Setembro, e daí em diante, fazem sair o enxame dos filhos, quasi sempre no dia seguinte ao de chuva e trovoadas, se o sol estiver ardente; os pais vão adiante e, correndo com a bôca aberta de um lado para outro, enchem todos os caminhos, e pregam mordidelas mais cruéis do que em outro qualquer tempo, até fazer sangue; seguem-se-lhes os filhos com asas, de corpo maior, e logo voam á procura de novas casas para si, tão numerosas muitas vezes que formam uma nuvem no ar; em qualquer parte que caiam cavam immediatamente a terra, construindo cada um a sua habitação; depois, porém, de pouco tempo morrem, e de seu ventre geram-se inumeros outros filhos, de maneira que não admira haja tão grande multidão de formigas, quando de uma só nascem tantas.

Para ver quando elas saem de suas cavernas ajuntam-se as aves, ajuntam-se os Indios, que ansiosamente esperam êste tempo, tanto homens, como mulheres; deixam as suas casas, apressam-se, correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os frutos novos, aproximam-se das entradas dos formigueiros e enchem de agua os pequenos buracos que elas fazem, onde, estando, se defendem da raiva dos pais e apanham os filhos que saem das covas, e enchem os seus vasos, isto é, certas cabaças grandes, voltam para casa, assam-n'as em vasilhas de barro e comem-n'as; assim torradas, conservam-se por muitos dias, sem se corromperem.

Quão delectavel é esta comida e como é saudavel, sabêmo-lo nós, que a provámos. Mas umas aves semelhantes ás andorinhas, das quais ha três variedades, aglomeram-se quasi sem conta no ar, e cortam pelo meio com

admiravel celeridade aquellas formigas que saem voando, devoram-lhes os ventres, deixando a cabeça com as asas e pernas, e assim acontece que mui poucas escapam.

.....

Encontram-se quasi vinte especies diversas de abelhas, das quais umas fabricam o mel nos troncos das árvores, outras em cortiços construidos entre os ramos, outras debaixo da terra, donde succede que haja grande abundancia de cêra. Usamos do mel para curar feridas, que saram facilmente pela proteção divina. Havendo porém, como disse, muitas especies de mel, falarei unicamente de um, que os Indios chamam *eiraaquãietá*, quer dizer, “mel de muitos buracos”, porque estas abelhas têm muitas entradas nas colmeias. Logo que se bebe dêste mel, toma todas as juntas do corpo, contrai os nervos, produz dôr e tremôr, provoca vomitos e destempera o ventre.

.....

Ha pelo mato grande cópia de moscas e mosquitos, os quais, sugando-nos o sangue, mordem cruelmente, maximé no verão, quando os campos estão alagados; uns têm o ferrão e as pernas compridas e subtilissimas; fura a pele e chupam o sangue, até que, ficando com todo o corpo muito cheio e distendido, mal podem voar; contra êstes é bom a fumaça como remédio e com a qual se dispersam.

.....

Outros chamados *marigui*, e que habitam á beira-mar, são uma praga terrivel; são tão pequenos que mal os podes perceber com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; sentes-te queimar e não ha fogo em parte alguma; não sabes de onde te veiu repentinamente semelhante incômodo; se te coças com as unhas, maior dôr sentes; renova-se e aumenta por dois ou três dias o ardor que deixaram no corpo.

.....

Em verdade, não é facil dizer quanta diversidade ha de aves orna-das de varias côres. Os papagaios são mais comuns aqui do que os corvos, e de diferentes especies, todos bons para se comerem; alguns deles produzem prisão de ventre; outros imitam a voz humana; outros ha que, comendo o milho quando está granado, voam em bandos e quando estão nesse trabalho, fazem de maneira que, quando descem para comer, fiquem sempre um ou dois no alto de uma árvore, como de vigia, os quais, espiando o lugar por todos os lados, em vendo alguém aproximar-se, tocam rebate e fogem todos; mas se não houver perigo algum, quando os outros fartos sobem, descem os vigias por sua vez para comer.

.....

Ha tambem avestruzes, que não podem voar por causa do extraordinario tamanho do corpo.

Ha ainda outros passarinhos, chamados *guainumbí*, os mais pequenos de todos; alimentam-se só de orvalho; dêsses ha vários generos, dos quais um, affirmam todos, que se gera da borboleta.

Ha outro passaro, semelhante ao corvo, parecido com o ganso por causa do bico, o qual, mergulhando nos rios, está muito tempo debaixo da-gua a comer peixes.

Ha tambem outro, de menor corpo, mas, quando sacode as asas, faz tanto barulho, que as árvores parece que caem por terra.

Ha ainda uma ave marinha, por nome *guará*, igual ao mergulhão, porém de pernas mais compridas, de pescoço igualmente alongado de bico comprido e adunco; alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Passa por uma metamorfose, como que perpétua, pois na primeira idade cobre-se de penas brancas, que depois se transformam em côr de cinza, e, passando algum tempo, tornam-se segunda vez brancas, de menos alvura todavia das da primeira; por fim ornam-se de uma côr purpúrea lindissima: estas penas são de grande estimação entre os Indios, que usam delas para enfeitar os cabelos e braços em suas festas.

Ha ainda outra ave marinha semelhante á ádem, que, em lugar de asas, tem pequenos membros, vestidos de macia penugem; tem os pés quasi na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e só lhe servem para nadar, quando ela não pode voar nem andar.

Das aves de rapina ha muitas especies, das quais algumas são de tal tamanho que matam e despedaçam até veados, maximé uma, para a qual, quando está no ninho, não só seus pais, que têm com ela particular cuidado, mas todas as outras aves que vivem da rapina, trazem comida como a um príncipe: têm isto consigo, que, mesmo que passem muitos dias sem comer, mal nenhum isso lhes faz.

Ouvi falar de outro genero ainda de aves de prêsa, a qual, quando está aquecendo os filhotes recém-nascidos no ninho, que constroi no mais alto da árvore, se o caçador sóbe para tira-los, não vôa, mas, abrindo as asas para protege-los, conserva-se imóvel, consentindo antes que a apanhem do que em desamparar os filhos.

Ha outra ave que se chama *anhima*, muito grande; quando grita parece o zurrar de um asno. Tem em cada asa como que três cornos, um tambem na cabeça, iguais aos esporões dos galinaceos, porém muito mais rijos; quando acossada pelos cães, não fôge, ainda que a grandeza do corpo não a embarce de voar; antes os afugenta, ferindo-os gravemente com as asas assim armadas.

Ha ainda galinhas silvestres, das quais se contam três especies; perdi-
zes; faizões; e outras aves todas côr de purpura, outras verdes, outras par-
dacentas, vistosas na sua multiplice variedade de côres.

Isto quanto aos animais.

.....

Das ervas e árvores não quero deixar de dizer isto, que as raízes a que chamam *mandioca*, de que nos utilizamos como alimento são venenosas e nocivas por natureza; se não forem preparadas pela indústria humana para se comerem; comidas cruas matam a gente, assadas ou cozidas comem-se; todavia, os porcos e os bois as comem cruas impunemente; se, porém, beberem o suco que delas se expreme, incham de repente e morrem.

Ha outras raízes chamadas *yeticopê*, semelhantes ao rabão, de agradável sabor, muito apropriadas para acalmar a tosse e molificar o peito. A sua semente, que se assemelha a favas, é um violentissimo veneno.

Entre outras, ha aqui certa erva, espalhada por toda a parte, e que muitas vezes vimos e tocámos, a que chamamos *viva*, porque parece ter qual ou tal sentimento: pois, se a tocares de leve com a mão ou com qualquer outra cousa, immediatamente as suas folhas, fechando-se sôbre si mesmas, se juntam e como que se grudam; depois, daí a pouco, tornam a abrir-se.

Das árvores, uma parece digna de notícia, da qual, ainda que outras haja que distilam um liquido semelhante á resina, util para remédio, escorre um suco suavissimo, que pretendem seja o balsamo, que a princípio corre como oleo por pequenos furos feitos pelo caruncho ou tambem por talhos de foice ou de machados, coalha depois e parece converte-se em especie de balsamo; exala um cheiro muito forte, porém suavissimo e otimo para curar feridas, de tal maneira que, em pouco tempo (como dizem ter-se por experiencia provado), nêo mesmo sinal fica das cicatrizes.

Ha tambem outras árvores que enchem por toda a parte os esteiros do mar, onde nascem, cujas as raízes, algumas brotadas quasi do meio do tronco, outras do ponto em que os ramos que rebentam se dirigem para cima, quasi do comprimento de uma lança, se inclinam pouco a pouco para a terra, até que no fim de muitos dias chegam ao chão.

Na povoação que se chama Espirito Santo é muito comum uma certa árvore muito alta, cujo fruto é admiravel. Este é semelhante a uma panela, cuja a tampa como que trabalhada a tórno, com que está pendente da árvore, se abre por si mesma quando está maduro: aparecem então dentro muitos frutos, semelhantes a castanhas, separadas por delgadas tiras como interpostos septos, muitissimo agradaveis ao paladar. O vaso ou urna, em que estão encerrados, não é menos duro que a pedra e pode-se facilmente julgar do seu tamanho pelas castanhas que contém, que passam de cincoenta.

Ha, além disso, pinheiros de altura estupenda; propagam profusamente, ocupando o espaço de seis ou sete milhas. Os Indios dão aos seus frutos, por antonomase, o nome especial de *ibá*, isto é, fruto (nome, aliás, comum aos demais frutos); são compridos como os nossos, mas muito maiores, de casca mole, semelhantes á amendoa das castanhas. Os logares que ficam para o setentrião não produzem destas árvores.

Ha diversas árvores de frutos excelentes para comer-se, muitos de suavíssimos cheiros, e de mui delectavel sabor.

Uteis á medicina não ha só muitas árvores, como raizes de plantas; direi, porém, alguma cousa, maximé das que são proveitosas como purgantes.

Ha uma certa árvore, de cuja a casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um liquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago com violentos vomitos: por pouco, porém, que se exceda na dose mata. Deve-se, enfim, tomar dele tanto quanto caiba em uma unha, e isso mesmo diluido em muita água; se não se fizer assim, incomoda extraordinariamente, queima a garganta e mata.

Ha uma certa raiz abundante nos campos, utilissima para o mesmo fim; raspa-se e bebe-se misturada com água; esta, se bem que provoque o vomito com bastante violencia, todavia bebe-se sem perigo de vida,

Ha tambem outra, chamada vulgarmente *marareçô*; as suas folhas parecem as do boldo, a raiz pequena e redonda, que se come assada ou bebe-se esmolda com água, exposta por uma noite ao sereno.

Descobriu-se ultimamente outra, que é tida em grande estima e com razão. Esta é oblonga e delgada, contundida e deixada de infusão em água pelo espaço de uma noite, bebe-se de manhã sem dificuldade, não causa nausea, produz fastio; desembaraça, porém, o ventre com abundante fluxo, e cessa logo que se tome algum alimento, o que é comum ás de que falei ha pouco.

Ha além destas, várias outras que servem muito para soltar o ventre, quanto para o prender. Exceto os frutos de certas árvores, quasi que nenhum remédio eficaz se encontra.

Até nas pedras se encontra o que admirar e com que exaltar a onipotencia do supremo e otimo Deus, maximé em uma que serve para afiar espadas; mas tem isto de maravilhoso, que qualquer parte dela que tocares em as mãos se torna flexivel como o couro e a moverás como cousa apertada por um nó, de maneira que não parecem uma pedra só, mas sim muitas reunidas por diversas juntas.

Encontram-se, em certo rio habitado pelos inimigos, a umas 50 milhas de Piratininga, muitas conchas, nas quais se criam certas pedrinhas transparentes, que querem sejam perolas: têm o tamanho do grão de bico e algumas maiores.

..... »

ção geral, tornando perfeitas as combustões orgânicas. Tônico neuromuscular. Excelentes resultados na insuficiência transitória das funções genitais. Neurastenia. Esgotamento. Criptorquidia. **Doses : drágeas :** 4 a 12 por dia; crianças: 1 a 6 por dia. **Empôlas :** 2 a 3 injeções por semana ou mais, conforme indicação do caso.

OPO-SPLENINA — *Composição e formas farmacêuticas :* Extrato total de baço. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (caixas com 6). *Indicações :* Insuficiência esplênica. Hipertrofia do baço. Anemias em geral. Astenias. Estados hemorrágicos. Caquexia malarica. Febre tifóide. Tuberculose pulmonar e cirúrgica. **Doses : drágeas :** 4 a 12 por dia; **gotas :** 20 a 60 por dia; **empôlas :** 3 injeções por semana, em média. Para crianças - metade das doses.

ORODYS — *Composição e forma farmacêutica :* Topo-vacina para uso oral, em drágeas contendo bac. disentericos tipicos de Shiga e Flexner, demais paradisentericos e colibacilos. Estojos com 6 drágeas (dose individual). *Indicações :* Imunização comoda, rapida, eficiente, sem reações e contra-indicações, das disenterias bacilares e infecções disenteriformes. Adequado á imunização de coletividades (cidades, hospitais, asilos, quarteis, escolas). **Doses :** 2 drágeas durante 3 dias, pela manhã em jejum. Para crianças menores de 10 anos: 1 drágea por dia.

OROTAB — *Composição e forma farmacêutica :* Drágeas n. 1 (bile) e n. 2 (bacilos tíficos e paratíficos A e B mortos). Estojos com 6 drágeas de bile e 6 de vacina (dose individual). Topo-vacina para uso interno (via oral). *Indicações :* Prevenção das infecções tíficas e paratíficas. Processo rapido, eficaz, comodo, sem reações, contra-indicações ou regimen especial, adequado á imunização de coletividades (cidades, colegios, tropas, asilos, hospitais, etc.). *Doses e modo de usar :* tomar em jejum 2 drágeas de bile (n. 1 - verdes) e meia hora após 2 drágeas de vacina. (n. 2 - brancas) Repetir nos 2 dias seguintes. A alimentação pode ser iniciada uma hora após a ingestão da dose de vacina. Para crianças até 10 anos, 1 comprimido.

OVARIO-THYROIDINA — *Composição e forma farmacêutica :* Associação de extratos totais do ovário e de glândula tireoide. Drágeas (vidros com 60), Gotas (vidros com 30 c.c.) e Empôlas de 2 c.c. (Caixas com 6). *Indicações :* Modificador da nutrição. Estimulante tireo-ovariano. Insuficiência ovário-tireoideá. Obesidade. Doença de Basedow. Nauseas e vomitos da gravidez. Psicoses femininas da puberdade, época menstrual e menopausa. **Doses : drágeas :** 2 a 8 por dia; para crianças: 1 a 3; **gotas :** 20 a 40 por dia; para crianças: 5 a 10; **empôlas :** em média, 2 a 3 por semana. Crianças: $\frac{1}{2}$ empôla.

OXI-HEMOGLOBINA — Veja "Elixir e Xarope de Oxi-Hemoglobina".

PYOCALDO — *Composição e formas farmacêuticas :* Filtrado esterilizado de culturas de cocos piogenos. Empôlas de 2 c.c. (caixas com 12), 10 c.c. (estojos de 1 e caixas com 6) e 30 c.c. (estojos com 1). **Topo-vacina.** *Indicações :* Antipioagênico. Imunizante local e inofensivo sem contra-indicações. Tratamento das infecções cutaneas as mais diversas: piodermites, supurações, infecções cirúrgicas, antrazes, erisipelas, sícozes, eczemas, etc. *Modo de usar :* Lavar o local infectado com PYOCALDO, colocar sobre a lesão uma gaze embebida no liquido vacinante e fechar o curativo. Substitui-lo cada 12 ou 24 horas. As empôlas de 2 c.c. são apropriadas a pequenos curativos, principalmente em otorinolaringologia e oftalmologia (otites, blefarites, etc).

PYOPHAGINA — *Composição e forma farmacêutica :* Topo-Vacina a Besredka. Filtrado anti-pioagênico sob forma de pomada em bisnagas de 25 gr. *Indicações :* Tratamento das

infecções localizadas, sobretudo cutâneas: piodermites, furunculose, abscessos, antrazes, feridas infectadas, eczemas. Imunidade local sólida e rápida. *Modo de usar*: aplicar PYOPHAGINA sobre a lesão, após remoção do pús, crostas, etc., acaso existentes.

RETROPHYSINA — *Composição e forma farmacêutica*: Extrato de lóbulo posterior da hipófise, desalbuminado. Empôlas de 1 c.c. (caixas de 6), correspondendo, farmacologicamente, a ogr. 20 de glândula fresca. *Indicações*: Por sua ação eutócica, miotônica e favorecedora da contractilidade das fibras lisas é recomendado ocitócico e uterocinético, combatendo a inércia uterina, intestinal e vesical. Como vaso-constritor nas hemorragias e hemoptises. Miocardites. Infecções agudas. Diabetes. *Doses*: Injeções intramusculares ou sub-cutâneas de 1 c.c. nas 24 horas. Nas hemoptises: injetar na veia, diluindo o conteúdo da empôla em 10 c.c. de soro fisiológico.

SORO RENAL DE CABRA — *Composição e forma farmacêutica*: Soro da veia renal da cabra. Empôlas de 10 c.c. *Indicações*: Anti-nefrítico e anti-tóxico. Acidentes uremicos. Nefrites agudas ou crônicas. Intoxicações. Albuminúria. Anúria. Oligúria. Fenômenos eclâmpticos. *Doses*: começar injetando, subcutaneamente, 10 c.c.. Repetir diariamente nos casos graves, espaçando a aplicação conforme as melhoras obtidas. Usar sempre soro fresco — o do L. C. S. A. é feito em partidas pequenas para ser dado sempre ao consumo em preparação de data recente.

SUP-HG — *Composição e forma farmacêutica*: Supositorios de mercurio vivo, dosados a ogr. 03. **Sup-Hg Infantil** - supositorios de ogr. 015. Caixinhas metálicas com 10 supositorios. *Indicações*: Sífilis hereditária ou adquirida, antiga ou recente e todas as suas consequências. Método discreto, de aplicação simples, eficaz e bem tolerado. *Doses*: Habitualmente usados em dias alternados, com intervalo de alguns dias entre uma e outra caixa. Para crianças abaixo de 10 anos - aplicar o **Sup-Hg Infantil**.

THEONEPHRINA — *Composição e forma farmacêutica*: Drágeas de Teobromina e extrato renal (vidros com 72). *Indicações*: Medicação diurética, eliminadora e anti-tóxica. Síndromes cardio-renais, nefrites agudas e crônicas, uremigenicas e hidropigenicas. Hidropisia. Edemas. Retenção de cloretos. Intoxicação uremica. Insonia tóxica. Arterio-esclerose. *Doses*: 3 a 9 drágeas ao dia, preferentemente á hora das refeições.

UTEROCALDO — *Composição e formas farmacêuticas*: Filtrado de culturas da flora genital feminina (topo-vacina tipo Besredka). Empôlas, para uso local, de 5 c.c. (caixas com 6), 10 c.c. (estojos com uma e caixas com 6 empôlas) e 30 c.c. (estojos com uma). *Indicações*: Vacinação local das infecções genito-urinárias da mulher, especialmente infecções puerperais. Metrites, corrimentos vaginais, cervicites, etc. *Modo de usar*: Lavar o local afectado com UTEROCALDO, colocar tampão de gaze embebida no líquido vacinante e fechar o curativo. Substitui-lo cada 12 ou 24 horas.

VINHO IODO-TANICO GLICERO-FOSFATADO — *Composição e forma farmacêutica*: Vinho, iodo, tanino, glicerosfosatos, entres os quais o de cálcio, constituindo um verdadeiro elixir vinhoso, de paladar agradabilíssimo e de tolerancia absoluta. Garrafas com 500 c.c. *Indicações*: Linfatismo. Engorgitamento ganglionar. Anemias. Esclerofulas. Raquitismo. Afeções das vias respiratorias. Bronquites crônicas. Asma. Convalescências. Diversas manifestações da sífilis. Tônico recomendavel ás nutrízes e amas de leite, ás gestantes; ás crianças, nos períodos críticos de crescimento. *Doses*: 2 a 3 calices por dia, de preferencia ás refeições. Crianças: de acôrdo com a idade; de uma colher das de café a uma das de sopa.

XAROPE DE OXI-HEMOGLOBINA e ELIXIR DE OXI-HEMOGLOBINA

Composição e formas farmacêuticas: Produtos obtidos de sangue de animais, logo após seu sacrifício no Matadouro, por processo especial do L. C. S. A., sob forma de **xarope** e de **elixir** (levemente alcoólico), em frascos especiais de 300 c.c. Produtos ricos em hemoglobina, fornecendo ferro na sua condição fisiológica. Paladar agradabilíssimo e tolerância absoluta. *Indicações:* Medição hematogênica ideal. Tratamento das anemias em geral, post-palúdicas e post-verminóticas. Convalescenças. Gravidez. Puerpério. Linfatismo. Escrofulose. *Doses:* **Xarope** - 2 a 4 colheres das de sopa, simples ou em mistura com água, pela manhã e à noite ou antes das refeições; crianças: 1 a 2 colheres das de sopa. **Elixir:** 1 cálice às principais refeições. Crianças: $\frac{1}{3}$ cálice.

XAROPE DE HIPOFOSFITO DE CALCIO - *Composição e forma farmacêutica:* Fórmula clássica, convenientemente preparada, de hipofosfito de cálcio, em frascos com 250 c.c. *Indicações:* Estimulante da nutrição, da circulação e do apetite, de magníficos resultados no raquitismo, outros estados de debilidade orgânica, fímatose, fosfaturias, astenias, neurastenia, clorose, dentição. *Doses:* 2 a 3 colheres das de sopa, num pouco d'água, às principais refeições. Crianças: 2 a 3 colheres das de chá ou das de sobremesa, conforme idade e indicação.

XAROPE DOS TRES FOSFATOS (EASTON) - *Composição e forma farmacêutica:* Fosfatos de ferro, estriçnina e quinina cuidadosamente preparados em xarope. Frascos de 120 c.c.. *Indicações:* Tônico nervino e excitante do sistema nervoso. Doenças de carencia em geral: Raquitismo, osteomalácia, escorbuto, polineurites, anemias em geral e palustre, beri-beri. *Doses:* 1 a 3 colheres das de chá por dia. Crianças: metade das doses de adulto, salvo indicação médica.

VACINAS WRIGHT

L. C. S. A.

As vacinas de "stock" representam para os Snr. Clínicos grande economia de tempo e de trabalho. Substituem, senão de modo absolutamente perfeito, pelo menos amplamente satisfatório, a vacina autogena correspondente.

As vacinas de stock L. C. S. A. são sempre polivalentes, isto é, preparadas com várias amostras de um mesmo germen.

As vacinas Wright - L. C. S. A. são acondicionadas em empôlas esterilizadas e verificadas antes de sua exposição á venda. As empôlas são de dosagens variáveis dos germens específicos em suspensão, em series fixas de dose ascendente. Destinam-se essas empôlas a injeção intramuscular ou sub-cutânea, segundo a tecnica habitual das injeções hipodermicas.

Convém começar sempre o tratamento pela dose minima (damos a propósito de cada vacina as dosagens adequadas) e só pouco a pouco ir aumentando as dosagens respectivas.

Não apresentando o paciente fase negativa apreciavel (que se traduz por elevação de temperatura, mal estar, etc.) pode-se aumentar a dose da vacina na injeção seguinte.

Observando-se reação febril convem manter a mesma dose anterior; nos casos mais raros de fase negativa intensa, com febre alta e sintomas clinicos de maior reação, diminuir a dose de que se lançara mão, e espaçar mais a injeção imediata.

A prática estabeleceu para a maioria dos casos clínicos um intervalo de 2 a 4 dias em média entre as injeções vacinoterapêicas. Esta é a regra geral para as vacinas ditas curativas. Para as preventivas (Vacina da **Gripe** e Vacina **Tífica-T. A. B.**, preventivas), acondicionadas em caixas de 3 ampólas, o intervalo entre as diferentes injeções é de 7 dias, no mínimo.

Os Srs. Clínicos desejosos de prescrever uma vacina de confiança, rigorosamente manipulada, deverão indicá-la com as iniciais **L. C. S. A.** (Laboratório Clínico Silva Araújo).

VACINA da ACNE — *Composição e apresentação* — Bacilos de acne de Sabouraud, estafilococos isolados de múltiplos casos de acne. Caixas de 6 ampólas de 1 c.c. em doses ascendentes, em duas séries — a 1.^a de 100 a 1.000 milhões e a 2.^a de 1.000 a 4.000 milhões de germens. *Indicações*: Tratamento dos casos de acne, acompanhados ou não de supuração (espinhas no rosto, dorso, etc.).

VACINA ANTIPIOGÊNICA — *Composição e apresentação*: Estafilo e estreptococos das variedades existentes, colibacilos e bac. piocianicos. Em caixas de 6 ampólas de 1 c.c., em duas séries de doses crescentes — a 1.^a de 100 a 1.000 milhões e a 2.^a de 1.000 a 4.000 milhões germens. *Indicações*: Infecções piogênicas em geral: furunculos, piodermites, sinusites, abscessos, fleimões, artrites, peritonites, empiemas, pioemias, etc. Vacinação pre-operatória (uso preventivo).

VACINA ASMÁTICA — *Composição e apresentação*: Raças diversas de micrococos catarrais, estafilo, estrepto e pneumococos e pneumobacilos isolados de numerosos casos de asma brônquica. Em caixas de 6 ampólas de 1 c.c., em duas séries de doses crescentes — a 1.^a de 100 a 1.000 milhões de germens e a 2.^a de 1.000 a 4.000 milhões. *Indicações*: Asma de um modo geral. Seu uso é proveitoso, quer na asma brônquica puramente infecciosa, quer quando a asma se apresenta como simples síndrome de estados morbidos outros, havendo, como habitualmente se verifica, infecção brônquica concomitante.

VACINA BRÔNQUICA — *Composição e apresentação*: Bacilos da gripe, micrococos, estrepto, estafilo e pneumococos e pneumobacilos. Caixas de 6 ampólas de 1 c.c. de titulação ascendente, em duas séries, indo a primeira de 100 a 1.000 milhões e a segunda de 1.000 a 4.000 milhões de germens. *Indicações*: Tratamento das ocorrências bronco-pulmonares agudas, bronquites, bronco-pneumonias, traqueítes, etc.

VACINA COLIBACILAR — *Composição e apresentação*: Diversas raças de colibacilo. Caixas de 6 ampólas de 1 c.c., de dosagem ascendente, de 20 a 500 e de 500 a 1.000 milhões de germens, em duas séries. *Indicações*: Infecções colibacilares dos aparelhos intestinal e genito-urinário, supurações e septicemias a colibacilo.

VACINA COLI-ESTAFILOCÓCICA — *Composição e apresentação*: Raças diversas de colibacilos e estafilococos. Caixas de 6 ampólas de 1 c.c. de dosagem ascendente de 100 a 1.000 e de 1.000 a 4.000 milhões, em duas séries. *Indicações*: Casos de infecção colibacilar com associação estafilocócica, como infecções das vias genitais e urinárias e do intestino.

VACINA COLI-TÍFICA (T. A. B. C.) — *Composição e apresentação*: Colibacilo (várias raças), bacilos tíficos e paratíficos A e B. Caixas de 6 ampólas de 1 c.c. em uma série ascendente de 20 a 500 milhões de germens. *Indicações*: Tratamento das infecções do grupo tífico e paratífico, colibaciloses, infecções intestinais de etiologia imprecisa.

VACINA DA COQUELUCHE — *Composição e apresentação*: Bacilos de Bordet-Gengou, estafilo, estrepto e pneumococos e micrococos catarrais. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c., de titulações ascendentes, em duas séries, a 1.^a de 50 até 500 e a 2.^a de 500 até 1.000 milhões de germens. *Indicações*: Acessos de tosse coqueluche e suas complicações. Tosses convulsivas.

VACINA DISENTERIFORME — *Composição e apresentação*: Bacilos de Shiga-Kruse, colibacilos e bac. disenteriformes. Caixas com 6 empôlas de 1 c.c. em doses crescentes de 20 a 500 milhões de germens (1.^a série) e de 500 a 1.000 milhões de germens (2.^a série). *Indicações*: Síndromes disenteriformes.

VACINA ESTAFILOCOCCICA — *Composição e apresentação*: Estafilococos das 3 raças. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em doses ascendentes, em 2 séries, de 100 a 1.000 e de 1.000 a 4.000 milhões de germens. *Indicações*: Infecções estafilocócicas: furunculose, acne purulenta, sicoses, certas pustulas e erupções popularmente denominadas "espinhas", osteomielite.

VACINA ESTAFILO-ESTREPTOCOCCICA — *Composição e apresentação*: Estafilococos e estreptococos de várias raças. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em doses ascendentes, em 2 séries, a primeira de 100 a 1.000 e a segunda de 1.000 a 4.000 milhões. *Indicações*: Piodermites a estafilo e estreptococos, erisipelas mixtas, sicoses, infecções genito-urinárias, pielites, etc.

VACINA ESTREPTOCOCCICA — *Composição e apresentação*: Estreptococos de raças diversas. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em doses ascendentes, em 2 séries, a primeira de 20 a 500 e a segunda de 500 a 1.000 milhões de germens. *Indicações*: Supurações e septicemias estreptocócicas, erisipela, abscessos, endocardites, infecções puerperais.

VACINA GONOCOCICA — *Composição e apresentação*: Gonococo de Neisser. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em doses ascendentes, de 20 a 500 milhões para a primeira série e de 500 a 1.000 milhões de germens para a segunda série. *Indicações*: Infecção gonocócica e suas complicações: uretrite, reumatismo, orquite, prostatite, nefrite, septicemia, etc.

VACINA DA GRIPE — *Composição e apresentação*: Bacilos da influenza (Pfeiffer), pneumo, estafilo, estrepto e micrococos catarrais. Para uso **preventivo** (caixas de 3 empôlas de 1 c.c. com 1500 milhões de germens cada uma), e para uso **curativo** (caixas de 6 empôlas de 1 c.c. com as seguintes doses: 50, 100, 200, 300, 400 e 500 milhões de germens). *Indicações*: Gripe e suas complicações bronco-pulmonares.

VACINA DA OTITE — *Composição e apresentação*: Pneumo, estafilo, estrepto e micrococos catarrais, pneumobacilo de Friedländer, bacilos piocianico e coli comunis. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em 2 séries, a primeira dosada de 100 a 1000 milhões e a segunda de 1000 a 4000 milhões de germens. *Indicações*: Otites externas furunculosas, otites secundárias a gripe, ao sarampo, angina, escarlatina, etc. Mastoidites, sinusites, fleimões amigdalinos, anginas, osteo-mielites, infecções agudas dos olhos, etc.

VACINA DA OZENA — *Composição e apresentação*: Bacilos ozena, difteroides, pneumobacilo de Friedländer, pneumo, estafilo, estrepto e micrococos catarrais, todos isolados de infecções nasais. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em séries de dosagem ascendente, a

primeira de 100 a 1000 e a segunda de 1000 a 4000 milhões de germens. *Indicações*: Ozena e outras rinites crônicas, falsos ozenosos, catarros nasais, sinusites rebeldes ou inoperáveis, dermites agudas do conduto auditivo externo, catarro oculo-nasal, etc.

VACINA DA PIORRÉA — *Composição e apresentação*: Estreptococos “para-odontalis”. Caixas de 6 empôlas 1 c.c. em séries de dosagem ascendente, a primeira de 20 a 500 milhões e a segunda de 500 a 1000 milhões de germens. *Indicações*: Piorréas alveolares e outras infecções dentárias, gengivites, etc.

VACINA PNEUMOCOCICA — *Composição e apresentação*: Diferentes tipos de pneumococos. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c., em séries de dosagem ascendente, a primeira de 20 a 500 milhões e a segunda de 500 a 1000 milhões de germens. *Indicações*: Pneumonia, bronco-pneumonia, complicações pneumococicas (supurações, meningites, nefrites, empiemas, abscessos, etc.).

VACINA PUERPERAL — *Composição e apresentação*: Colibacilos, estafilo e estreptococos. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. em séries de dosagem ascendente, a primeira de 20 a 500 milhões e a segunda de 500 a 1000 milhões de germens. *Indicações*: Infecção puerperal, infecções outras do aparelho genito-urinário da mulher.

VACINA TIFICA - (T. A. B.) — *Composição e apresentação*: Bacilos tíficos de Eberth e paratíficos A a B. Para uso **preventivo** (caixas de 3 empôlas de 1 c.c. contendo respectivamente 500, 1000 e 2000 milhões de germens) e para uso **curativo** (caixas de 6 empôlas de 1 c.c., em doses ascendentes de 20 a 500 milhões de germens). *Indicações*: **Vacina tífica T. A. B. - preventiva**: Profilaxia das infecções tifo-paratíficas. **Vacina tífica T. A. B. - curativa** - Tratamento.

VACINA URETRITICA — *Composição e apresentação*: Gono, estafilo, estrepto e sinococos, colibacilos e b. pseudo-difterico. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. dosada em séries ascendente de 100 a 1000 milhões para a primeira série e de 1000 a 4000 milhões para segunda série. *Indicações*: Infecção gonococica e todas as suas complicações: corrimentos vaginais e uretrais, metrites, prostatites, artrites, salpingites, ovarites, orquites, pielites, cistites.

VACINA URETRITICA - USO PELVICO — *Composição e apresentação*: Gono, estafilo, estrepto e sinococos, colibacilos e b. pseudo-difterico. Caixas de 6 empôlas de 1 c.c. dosadas em série ascendente de 1000 a 6000 milhões de germens. Preparada segundo técnica e indicações do Prof. **M. M. Fabião**. *Indicações*: Exclusivamente usada para a vacinação pelvica das infecções genitais da mulher: metrites, anexites, para-metrites, pelvi-peritonites e complicações distantes.

Além das suas **especialidades**, dos seus **produtos opoterapicos** e **vacinas**, o **Laboratorio Clinico Silva Araujo** prepara todo gênero de **solutos esterilizados** de uso médico-farmacêutico, **empôlas** para uso hipodermico, sub-cutaneo, intramuscular, intravenoso, etc., de uso corrente na clínica quotidiana, tais como as empôlas de adrenalina, azul

de metileno, cafeína, cloreto de cálcio, emetina, ergotina, esparteína, estricnina, eter, formina, glicero-fosfatos, gluconato de cálcio, hiposulfito de sódio, iodeto de sódio, novocaína, óleo canforado, quinina (saís), **sôros artificiais**: fisiológico, glicosado, hipertônico, etc.

O Laboratorio está habilitado a atender com presteza a qualquer pedido de solutos esterilizados, além dos que constam das tabelas.

O Laboratorio prepara grande número de **produtos officinaes farmaceuticos, extratos fluidos, tinturas, etc.**, bem como **reagentes, corantes e meios de cultura microbiana**.

Os Farmaceuticos ciosos de utilizar na sua officina preparações officinaes dignas de fé pela honestidade e perfeição de seu fabrico, devem prescreve-los e pedi-los com as iniciais

L. C. S. A.

O LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO prepara **aguas destiladas** de diferentes especies (**hidrolatos**), **alcooolatos, alcooolaturas, balsamos, comprimidos, élixires officinaes** (Garus, paregorico, etc.), **emplastros, oleos, pastilhas assucara-das, pomadas, etc.**

Os **Extratos fluidos** representam um precioso auxílio ao farmaceutico na sua officina, como ao médico no seu receituário. E', entretanto, indispensavel bem escolher a procedencia dos extratos fluidos. O LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO dedica um grande carinho ao seu fabrico, apresentando extratos fluidos rigorosamente fabricados e dosados, utilizando-se de plantas nacionais e estrangeiras, préviamente identificadas no seu serviço de farmacognosia e ensaiadas no seu teór farmacologico no seu serviço de contrólê da materia prima.

Quando prescrever ou pedir extratos fluidos, o médico ou o farmaceutico deverá indicar adiante do nome dos extratos as iniciais

L. C. S. A. que distinguem o nosso fabrico.

O **L. C. S. A.** encarrega-se do fornecimento ou preparo de meios de cultura, reagentes, solutos volumetricos, indicadores e corantes para pesquisas de laboratorio, ensaios quimicos e bacteriologicos, etc.

Produtos L. C. S. A.

Laboratorio Clinico Silva Araujo

CARLOS DA SILVA ARAUJO & CIA.

Caixa Postal 163 — Rio de Janeiro

» NA «

Exposição Ibero-Americana de Sevilha

—(1929)—

Carlos da Silva Araujo & Cia.

obtiveram a maior recompensa

GRANDE PRÊMIO

concedida na classe 92-(PRODUTOS QUIMICOS,
FARMACEUTICOS E BIOLÓGICOS)

» NA «

Exposição Internacional de Antuérpia

—(1930)—

os productos farmaceuticos e biologicos-
de

Carlos da Silva Araujo & Cia.

obtiveram o GRANDE PRÊMIO (Diploma de honra)

a

MAIOR COMPENSAÇÃO

concedida aos expositores.

Para productos biologicos



MARCAS REGISTRADAS

Para productos farmaceuticos



